RUÍDOS MISTERIOSOS

NA CASA DE JOHN D. FOX EM HYDESVILLE

EBENEZER E. LEWIS

A REPORT

OF THE

MYSTERIOUS NOISES

HEARD IN THE HOUSE OF

MR. JOHN D. FOX,

In Hydesville, Arcadia, Wayne County,

AUTHENTICATED

BY THE CERTIFICATES, AND

CONFIRMED

BY THE STATEMENTS OF THE CITIZENS OF THAT PLACE AND VICINITY.

> Thou canst not say I did it:
> Never shake thy gory locks at me.
> Pr'ythee, see there! look! lo! how say you?
> Why, what care I? If thou canst nod, speak too.
> If charnel-houses, and our graves, must send
> Those that we bury back, our monuments
> Shall be the maws of kites. [MACBETH.

Canandaigua:
PUBLISHED BY E. E. LEWIS.
PRINTED ON THE POWER PRESS OF SHEPARD & REED,
Over Nos. 20, 22 & 24 State-Street, Rochester.
1848.

A report of the Mysterious Noises heard in the house of Mr. John D. Fox, in Hydesville, Arcadia, Wayne County, authenticated by the certificates, and confirmed by the statements of the citizens of that place and vicinity.

Published by Ebenezer E.Lewis, Power Press of Shepard & Reed, Canandaigua, 1848

Tradução: O. C. Bräscher, 2021
ISBN 978-65-994205-1-1
roteiroluz@gmail.com

Para cópias impressas, contate:
Editora Livro Postal
atendimento@livropostal.com.br
(48) 3255-8382
(48) 99922-5467

Prefácio do tradutor

Os ruídos misteriosos de Hydesville são a mais bem-sucedida dentre as tentativas de conversação com espíritos batedores com registro na história.

A descrição do método pioneiro do alfabeto, divulgada nos jornais em meio aos ataques que se sucederam à família Fox, contribuiu para a viabilização dos círculos de experimentação em centenas de cidades norte-americanas bafejadas pela repetição do fenômeno espiritual.

Contando com uma única tiragem em 1848, em poucos anos estas descrições pioneiras tornaram-se inacessíveis, contribuindo para o equívoco generalizado de atribuir-se às Irmãs Fox – e não à Sra. Margareth Fox – a primazia das conversações iniciais com o espírito batedor, engano que se desfaz perante a leitura desta obra.

Introdução do autor

Ao trazer este relato ao público, não o fazemos com o propósito de satisfazer o gosto mórbido que os ignorantes e supersticiosos manifestam por tudo o que é maravilhoso ou inexplicável, nem temos o interesse de aumentar a agitação surgida com os rumores indefinidos e exagerados em relação a este caso misterioso. Fazemo-lo com a finalidade de expor diante do mundo a natureza dessa ocorrência, as suas causas geradoras, e os fatos sobre os quais se fundamenta. Fazemo-lo ainda para demonstrar que o fato de termos obtido depoimentos assinados confere-lhe o necessário crédito, e que por este motivo os seus fatores geradores não podem ser considerados infundados ou falsos. Estivemos por vários dias na vila de Hydesville com a finalidade única de investigar esse caso invulgar, e se possível, resolver o seu mistério. Nesse período tivemos a oportunidade de conversar com um grande número de cidadãos daquela localidade, que já haviam dedicado bastante tempo no esforço de satisfazer as suas próprias indagações a respeito da causa dos ruídos. Todos os que foram ouvidos em diferentes ocasiões nas duas últimas semanas e manifestaram o firme desejo de que a verdade se tornasse conhecida, esperavam encontrar tão somente uma causa natural nos efeitos observados e mostraram-se relutantes em acreditar que poderia se tratar de uma manifestação sobrenatural.

Se se tratam ou não de manifestações sobrenaturais, provavelmente só o saberemos no futuro. Poderão aventar

a possibilidade de que se trate de trapaça, medo, ou superstição, ou uma combinação disso tudo. Se se tratar de questão sobrenatural – se os espíritos de pessoas assassinadas podem regressar à terra para assombrar o palco dos seus infortúnios, e importunar as mentes daqueles que tenham cometido esses males, ou com o propósito de desvelar crimes obscuros e atrozes que de outra forma ficariam impunes, ficará confirmado o ditado que diz: "a verdade sempre aparece", por mais cuidadoso que o assassino tenha sido em ocultá-la.

Mas, se se trata de uma segunda hipótese – que esta grande agitação esteja sendo causada por ação humana, – se alguém foi capaz, portanto, de enganar uma grande comunidade inteligente e honesta durante o tempo todo em que se deram as ocorrências, então isso ainda superaria qualquer coisa que já tivesse ocorrido no mundo inteiro.

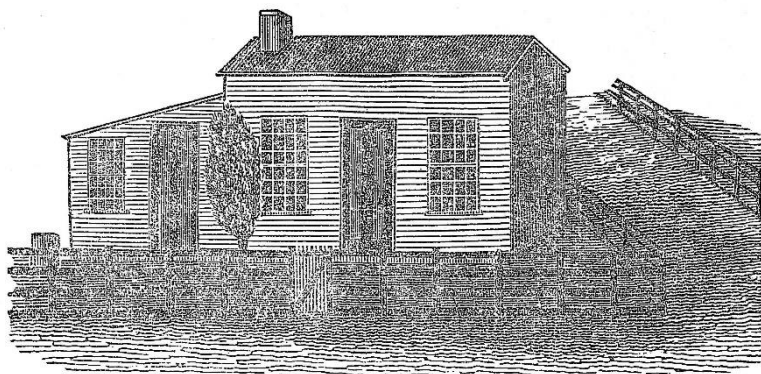
Um único indivíduo pode com relativa facilidade ser feito joguete de aparências e sons que para ele são inexplicáveis; mas quando surgem dezenas de pessoas inteligentes que dão declarações assinadas sobre tudo aquilo que viram, essas declarações ganham o direito de ter a nossa consideração. Essas pessoas são unânimes em afirmar que ouviram os ruídos naquela casa durante vários dias; que fizeram uma investigação longa e minuciosa, a fim de determinar-lhes a causa, mas foram completamente incapazes de chegar a conclusões satisfatórias. Que, em sua opinião, os ruídos não podem ter sido produzidos pelo acaso e também não foram produzidos por qualquer ser humano através de ventriloquismo ou truques sonoros; e somos levados, pela confiança que se estabelece naturalmente entre uma pessoa e outra em todo tipo de

relacionamento humano, a admitir um grau de confiabilidade nas suas declarações.

Não podemos acreditar que todos na vila de Hydesville e arredores tenham combinado criar um grande tumulto somente para divulgar estórias e depoimentos sem fundamento real.

Como então explicar os fenômenos? Devemos aceitar que nos venham agora imputar que acreditamos em casas mal-assombradas e em aparições fantasmagóricas? Futuras explicações certamente esclarecerão o mistério que ainda paira sobre este assunto. Mas deixemos por agora que aqueles que tentam ridicularizar a agitação em curso e que riem daqueles que após uma intensa investigação concluíram que se trata de uma aparição sobrenatural – deixemo-los tentarem explicar esse mistério, se puderem.

Ebenezer E.Lewis[1]

[1] Advogado e repórter, residente a cidade de Canandaigua, no Condado de Ontario, a 30 quilômetros ao sul do povoado de Hydesville.

House of John D. Fox, Hydesville, Arcadia, Wayne County, N. Y.

Ruídos misteriosos ouvidos na casa de John D. Fox, em Hydesville, pertencente à cidade de Arcadia, próxima à vila de Newark, no Condado de Wayne, Estado de Nova York, Estados Unidos

As declarações que seguem adiante foram feitas por várias pessoas e tiveram as suas respectivas assinaturas consignadas. Foram transcritas para o papel tendo sido mantido o mesmo estilo com que foram relatadas verbalmente, e após serem lidas para os relatantes foram por estes assinadas. Reúnem um pequeno número dentre todas as pessoas que ouviram os ruídos ou que ouviram falar a respeito desses distúrbios sonoros, mas acreditamos que são suficientes para satisfazer o critério de veracidade exigido pela opinião pública.

Declaração da Sra. Margaret Fox, esposa de John D. Fox, atuais inquilinos da casa.

Moramos nesta casa desde o dia 11 de dezembro de 1847, quando fizemos nossa mudança para a aldeia de Hydesville. Anteriormente residíamos na cidade de Rochester. Ouvimos pela primeira vez as batidas há quinze dias atrás. Parecia inicialmente tratar-se de alguém batendo no piso de um dos quartos de dormir; às vezes soava como se uma cadeira estivesse sendo arrastada no chão, mas era difícil localizar exatamente de onde o ruído provinha. Isto se dava de noite, logo depois de irmos para a cama. A família dormia num único quarto e todos ouvimos o ruído. Algumas noites estávamos em quatro pessoas; outras vezes, em cinco.[2]

Na primeira noite que ouvimos o ruído, todos levantamos e acendemos uma vela, e começamos a vistoriar a casa. Os sons continuaram enquanto estávamos procurando, e ressurgiam sempre nos mesmos lugares. Não era um ruído muito alto, mas ainda assim causava uma vibração que podíamos sentir ao colocar a mão sobre uma cadeira ou nos estrados das camas em que estivéssemos deitados. Esse tremor podia ser identificado perfeitamente no piso de madeira quando ficávamos de pé. Os ruídos continuaram por horas, mas resolvemos tentar dormir. Eu só peguei no sono por volta da meia

---

[2] O Sr. Fox ausentava-se para acompanhar a construção de uma nova habitação para a família ao lado da casa de seu filho David, a quatro quilômetros de Hydesville.

noite. Mas ouvimos barulhos durante a madrugada toda. Na noite de sexta-feira, dia 31 de março, os ruídos ficaram ainda mais altos e foi quando resolvemos chamar os vizinhos. Até aquele dia essas pancadas só apareciam de noite, ou pelo menos esse era o horário em que nós os tínhamos percebido. Resolvemos ir para a cama mais cedo, e combinamos que não iríamos nos deixar incomodar pelos sons; se eles ocorressem, nós não nos deixaríamos perturbar, porque todos estávamos precisando de uma noite de sono regular. Meu esposo esteve conosco em todas essas ocasiões, e ele também ouviu os ruídos e ajudou a investigar. Fomos bem cedo para a cama e estava muito escuro. Eu tinha dormido muito pouco na noite anterior e estava um pouco debilitada. Meu marido ainda não tinha ido para a cama quando os ruídos iniciaram. Eu tinha recém me deitado. Os ruídos eram os mesmos das noites anteriores. Eu reconhecia aqueles barulhos porque eram sons diferentes de quaisquer dos ruídos habituais que eu já tinha ouvido naquela casa de madeira. As minhas filhas, que dormiam na outra cama no mesmo quarto, ao ouvirem o ruído tentaram fazer um som parecido estalando os dedos. A minha filha mais nova de 12 anos resolveu fazer sons com as mãos. No mesmo instante que ela fazia um ruído, ora estalando os dedos, ora batendo palmas, acontecia uma repetição do ruído no quarto. Era sempre o mesmo tipo de pancadas, só que agora elas aconteciam repetindo o mesmo número de sons que minha filha mais nova fazia. Quando ela parava, o ruído também ficava em silêncio. Minha outra filha de 15 anos resolveu experimentar de brincadeira, e batendo palmas disse: agora faça como eu faço – conte um, dois, três, quatro! Os sons que ela produziu foram repetidos pelos ruídos e

tínhamos certeza que alguém estava respondendo para ela, pois reproduzia todas as palmas que ela batia. Ela não tornou a fazer a experiência porque ficou muito assustada. Então eu falei para o visitante invisível: conte até dez! e ele fez dez ruídos. Aí perguntei a idade dos meus filhos, um de cada vez, e ele deu um número de batidas que correspondiam corretamente às idades deles.

Então perguntei se era um ser humano que fazia aqueles ruídos? E se fosse, que fizesse um ruído, mas não ocorreu nenhum som. Então perguntei se era um espírito? e se fosse, que desse duas batidas. Assim que terminei de falar ouvimos dois sons. Então eu perguntei se era um espírito assassinado? que respondesse com uma batida, e ouvimos um ruído bem nítido. Perguntei se tinha sido morto nesta casa? e ele confirmou com um ruído. Se a pessoa que o matou ainda vivia? e ele confirmou que sim.

Usando esse método eu descobri que os seus restos mortais foram enterrados embaixo da casa, e ele também me disse a idade dele: quando eu perguntei quantos anos ele tinha ele bateu 31 vezes. Informou que ele era um homem, que ele tinha deixado uma família de cinco filhos, que ele tinha dois filhos e três filhas, todos vivos. Eu perguntei se ele deixou uma esposa? e ele bateu afirmativamente. Se sua esposa era viva? nenhum som; se ela estava morta? então ele fez soar um ruído; há quanto tempo ela tinha morrido? e ele fez dois ruídos. Nesse momento eu perguntei, se os sons continuariam caso eu chamasse meus vizinhos; ele confirmou com um ruído. Meu marido saiu e foi chamar uma vizinha, a Sra. Redfield. Ela é uma mulher muito franca. As meninas permaneceram sentadas na cama e em alguns momentos

se agarravam uma à outra de tão atemorizadas. Eu estava bem calma, do mesmo jeito que estou agora[3].

A Sra. Redfield veio imediatamente. Já eram sete e meia da noite. Ela veio pensando que iria rir das minhas filhas; mas quando ela chegou, viu que estávamos todos espantados e que tinha alguma coisa acontecendo de verdade. Fiz então algumas perguntas que foram respondidas com ruídos, como antes; e ela se convenceu de que havia alguma coisa real naquilo. Ele acertou a idade dela. Ela saiu e voltou acompanhada do seu marido; as mesmas perguntas foram feitas de novo, e as respostas obtidas foram as mesmas de antes. Foi perguntado há quanto tempo ele tinha sido morto e ouvimos quatro sons com intervalos iguais, e em seguida houve uma pausa curta e veio mais um som; isso ocorreu todas as vezes em que essa pergunta foi repetida.

Então o Sr. Redfield saiu e voltou com o Sr. Duesler e a esposa, e vários outros. Repetiu-se um grande número de perguntas e as respostas foram as mesmas.

O Sr. Duesler então saiu para chamar o Sr. Artemas Hyde e sua esposa, que vieram acompanhados do Sr. e a Sra. Jewell. O Sr. Duesler fez muitas perguntas e todas foram respondidas por ruídos. Então nomeei todos os vizinhos que eu podia lembrar, e perguntei se algum deles o havia assassinado, mas não houve nenhuma resposta. Aí então o Sr. Duesler fez as mesmas perguntas que eu já tinha feito, e as respostas foram iguais. Ele perguntou se ele foi assassinado? e ele respondeu confirmando; e se o assassino poderia ser levado à justiça? e não houve nenhum som; se ele poderia ser punido pela lei? e não aconteceu nenhum

---

[3] Ao final de seu depoimento a Sra. Margaret Fox mencionará a data em que está sendo entrevistada: 4 de abril.

som. Ele, então, perguntou: "se o assassino não poderá ser punido pela lei, confirme com um ruído" e o som foi produzido.

Pelo mesmo método o Sr. Duesler ficou sabendo que ele foi assassinado no quarto de dormir, cerca de cinco anos antes, e que o assassinato foi cometido por um tal Sr. John Bell, numa terça-feira, à meia-noite; que ele foi morto com um corte na garganta feito por uma faca de açougueiro; que o corpo não permaneceu no quarto no dia seguinte tendo sido levado para baixo no porão desta casa, e que não foi enterrado até a noite seguinte; que não foi levado para fora pela porta da frente mas pela despensa por baixo da escada; que foi enterrado três metros abaixo da superfície do solo.

Foi então perguntado se o motivo do crime foi dinheiro? e um ruído foi ouvido. Quanto dinheiro foi roubado? eram cem dólares? duzentos? trezentos? quatrocentos? Nenhum ruído. Quinhentos? Então ouviu-se um ruído. Estávamos todos no quarto de dormir naquele momento. Muitos dos vizinhos que estavam fora pescando no riacho foram chamados, vieram e ouviram os ruídos.

Conforme as pessoas iam chegando, as mesmas perguntas foram repetidas muitas vezes e as mesmas respostas foram obtidas. Alguns deles passaram a noite toda aqui. Eu e toda a minha família saímos de casa, com exceção do meu marido. Eu fui para a casa da Sra. Redfield e passei a noite lá: minhas filhas ficaram na casa de outros vizinhos. Meu marido e o Sr. Redfield ficaram na casa naquela noite. No sábado não ouvimos nada nem pela manhã, nem de tarde. Mas à noite, o barulho começou de novo. Havia um grande número de pessoas aguardando fora da casa, que regurgitava de gente. Alguns disseram

que chegou a ter umas trezentas pessoas presentes naquele momento. Foi nomeado um comitê, e muitas perguntas foram feitas. Eu não fiquei muito a par do que foi feito naquela noite; o que sei é mais por ouvir dizer, porque eu fui passar a noite na casa do Sr. Duesler.

No sábado à noite eles começaram a cavar no porão e desistiram quando chegaram na água.

Na manhã de domingo, dia 2 de abril, o barulho começou de novo, e foi ouvido por todos os que vieram aqui, mas de noite e de madrugada não ocorreu nenhum ruído. Stephen B. Smith e esposa e David S. Fox e sua esposa dormiram no quarto naquela noite. No final da manhã de ontem houve várias perguntas respondidas da maneira usual, ou seja, por pancadas. Eu ouvi o barulho várias vezes hoje.

Eu não acredito em casas assombradas, e nem em aparições sobrenaturais. Estou muito aborrecida com esse tumulto todo. Isso tem sido bem complicado para nós. Foi uma infelicidade morarmos aqui neste momento, mas estou disposta a conhecer a verdade do que está acontecendo, e acho que uma investigação convincente deve ser feita. Da minha parte não posso explicar esses ruídos; tudo o que eu sei é que eles foram ouvidos nesta casa muitas e muitas vezes, como já afirmei. Eu ouvi esse ruído novamente nesta terça-feira de manhã, 4 de abril. Minhas filhas também ouviram.

Certifico que a declaração acima foi lida para mim, e que a mesma é verdadeira; e que fico disponível a prestar juramento do que aqui afirmei, se for necessário.

11 de abril de 1848. (Assinado) **Margaret Fox**.

Declaração de John D. Fox

Eu ouvi a leitura da declaração feita por minha esposa, Margaret Fox, e por meio desta, certifico que ela é verdadeira, em todos as suas particularidades. Eu ouvi os mesmos ruídos de que ela falou, dados em resposta às perguntas a que ela se referiu. Outras perguntas além dessas foram feitas, tendo sido respondidas pelo mesmo procedimento. Algumas inclusive foram repetições de perguntas que já tinham sido feitas antes por outras pessoas, e obtiveram sempre resposta igual, sem que jamais tenha acontecido qualquer contradição. Não acho que exista uma explicação natural para esses ruídos. Procuramos várias vezes por tudo que é canto dentro e fora da casa, para ver se era possível alguma coisa ou alguém estar se escondendo e fazendo os sons mas não conseguimos encontrar nada que explicasse o mistério. Isso tem-nos causado muitos problemas e também ansiedade. Centenas de pessoas têm vindo à nossa casa, de modo que é impossível para nós atendermos às nossas ocupações diárias; e eu espero que seja apurado em breve se a causa é natural ou sobrenatural. A escavação no porão será retomada assim que a água baixar; e então poderemos verificar se há indícios de que um corpo tenha sido enterrado lá; e, se houver, não terei dúvida de que a causa é sobrenatural.

Eu fico à disposição para fazer declarações sob juramento do que eu falei aqui, se isso me for solicitado. As pancadas que respondem perguntas foram ouvidas novamente hoje.

11 de abril de 1848 (Assinado) **John D. Fox**.

Declaração de William Duesler, da cidade de Arcadia

Eu vivo nesta região, mas eu sou do Condado de Cayuga, de onde vim em outubro do ano passado. Moro a menos de 100 metros da casa em que esses ruídos foram ouvidos. A primeira vez que ouvi essas pancadas foi há uma semana atrás, na última sexta-feira à noite. A Sra. Redfield veio à minha casa buscar a minha esposa e levá-la até a casa dos Fox. A Sra. Redfield estava muito nervosa. Minha esposa insistiu que eu fosse junto, e eu aceitei. Quando ela nos falou o motivo porque estava nos convidando, confesso que eu ri; e ridicularizei a possibilidade de ser alguma coisa misteriosa. Retruquei que era tudo bobagem, e que com toda certeza iríamos descobrir a causa do barulho, e que eu tinha certeza que seria uma coisa fácil de explicar. Era por volta de 9 horas da noite. Havia umas 12 ou 14 pessoas lá quando eu cheguei. Algumas pessoas estavam tão assustadas que não se atreviam a ir até o quarto. Eu fui até o quarto e me sentei na cama. John Fox fez uma pergunta[4], e eu pude ouvir muito bem o tal ruído do qual todos ali estavam comentando. Eu pude sentir a armação da cama tremer a cada ruído emitido. A Sra. Margaret perguntou se ele responderia a perguntas minhas e se concordasse, que fizesse ruídos. Então ouvimos três pancadas. Resolvi perguntar se era um espírito assassinado? e ele deu uma pancada. Eu perguntei se ele tinha vindo para se vingar de alguma das pessoas que estavam ali presentes, mas nesse momento não houve nenhuma pancada. Então eu inverti a pergunta e ele respondeu com uma batida. Eu perguntei se eu ou se meu pai tínhamos ferido ele? (porque antigamente tínhamos

---

[4] Esta afirmação inclui o Sr. John Fox entre aqueles que fizeram perguntas.

alugado aquela casa) e não houve nenhum ruído. Se não fomos nós que te matamos, peço que confirme isso batendo – e nós todos ouvimos três batidas separadas. Fui nomeando algumas das famílias que já tinham residido naquela casa e perguntei se tinham sido o assassino dele, e não houve nenhum ruído. Quando perguntei se a pessoa que o matou tinha residido naquela casa, o som foi ouvido. Eu então perguntei se o Sr. John Bell (que tinha vivido anteriormente na casa) tinha matado ele? e em caso afirmativo, manifestar por batidas, e ele soou três batidas mais alto do que o normal e, as vibrações também foram maiores do que as anteriores. Perguntei se o motivo do crime foi dinheiro, e as batidas confirmaram. Eu então falei que iria mencionar a soma de dinheiro que tinha motivado o assassinato. Perguntei se foi cem dólares? duzentos, trezentos ou quatrocentos? e quando eu falei quinhentos dólares, o som foi ouvido. Todos na sala disseram que também ouviram bem. Eu, então, perguntei novamente se foi quinhentos dólares? e o ruído foi ouvido.

Depois disso eu saí e retornei trazendo Artemas Hyde comigo. Fiz praticamente todas as mesmas perguntas de novo, e obtive as mesmas respostas. O Sr. Redfield foi atrás de David Jewell mais a esposa, e a Sra. Hyde e todos vieram. Depois que estas pessoas chegaram, repeti as perguntas outra vez e ele deu as mesmas respostas de antes. Então eu perguntei sobre a forma como ele foi assassinado. Se foi com um golpe na cabeça? e não houve nenhum ruído. Então, inverti a pergunta, e perguntei – você não foi morto com um golpe da cabeça? e ouvimos os ruídos. Então eu perguntei se ele foi esfaqueado no peito? e não houve resposta; ao pedir para bater se não tivesse

sido esfaqueado no peito, os ruídos soaram. Geralmente ele dava três batidas para cada resposta das minhas perguntas. Então perguntei se a garganta dele foi cortada? e ele bateu confirmando. Aí perguntei se foi com uma faca de açougueiro? e os ruídos confirmaram. Da mesma forma, ficamos sabendo que ele estava dormindo na hora, mas que acordou quando a faca entrou na garganta; que lutou, e fez um pouco de barulho e de resistência. Então eu perguntei a ele se havia mais alguém na casa, além dele? e não ocorreu ruído.

Perguntei se os dois estavam sozinhos? e o ruído foi ouvido. Então eu perguntei se Lucretia Pulver trabalhava lá naquela época? e o ruído disse que sim. Se ela tinha ido embora naquela noite? e se a Sra. Bell também tinha saído? E as duas respostas foram afirmativas. Os sons só aconteciam se fizéssemos perguntas. Então eu perguntei se alguém em Hydesville além de John Bell sabia quem era o assassino? E ouvimos o som bater. Então eu falei o nome de várias pessoas para ele responder se sabiam do assassinato? e não houve nenhum ruído de resposta; mas quando cheguei no nome da Sra. Bell nós ouvimos um ruído confirmando. Então perguntei se ninguém além de John Bell e a esposa sabiam do crime? e ele fez os ruídos; e se eles eram os únicos que sabiam quem era o assassino? e ele fez os ruídos. Perguntei se o corpo tinha sido colocado no porão? e ele confirmou com um ruído. Então eu perguntei sobre qual parte do porão estava enterrado o corpo? e para todas as minhas questões só houve ruído de resposta quando perguntei se o corpo estaria no meio do porão.

Charles Redfield em seguida pegou uma vela e desceu até o porão. Eu disse a ele que caminhasse a partes diferentes do porão, e fui perguntando se ele estava em cima do local onde foi enterrado o corpo? e o ruído só foi ouvido quando ele se posicionou em determinado lugar do porão. Ele se movimentou para um lado, e então eu refiz a pergunta e não houve ruído. Repetimos isso várias vezes, e somente recebíamos ruído de resposta quando ele estava naquele mesmo lugar. O Sr. Redfield disse que lá no porão ele também conseguia ouvir o ruído.

Então eu fiz perguntas sobre o modo como o corpo foi levado para o porão; se foi pela porta do porão que dá para a rua? e não houve ruído; ou se ele foi levado para baixo passando pela despensa e descendo a escada interna? e ele confirmou com um ruído. Pedi a ele que dissesse a minha idade – ele fez 30 ruídos. Esta é a minha idade e acho que além da minha família mais ninguém aqui na vila sabe a minha idade. Pedi para ele dizer a idade da minha esposa e ele fez 30 ruídos também, correspondendo exatamente à idade dela – muitos de nós contamos em voz alta o número de ruídos produzidos. Pedi que comunicasse a idade de Artemas W. Hyde e ouvimos 32 ruídos – o que foi confirmado por Hyde que estava ali e participou da contagem dos ruídos. E qual era a idade da esposa de Hyde? ele bateu 31 vezes, e ela confirmou que era a idade dela – ela também estava lá naquele momento. Então eu falei o nome de cada uma das demais pessoas presentes no quarto e perguntei as suas idades, e elas confirmaram que ele acertou todas.

Então perguntei o número de crianças em cada uma das famílias da vila? e ele respondeu corretamente a todas as

perguntas. Além disso, o número de mortes que tinham acontecido em cada família? e ele respondeu corretamente. Então pedi que ele dissesse a sua própria idade, e ouvimos 31 ruídos. Se ao morrer ele tinha deixado uma família? e ele afirmou que sim. Então perguntei o número de filhos que ele tinha? ele deu cinco batidas. Qual o número de meninas? e ele bateu três vezes; qual o número de meninos? ele bateu duas vezes. Antes disso eu tinha perguntado se ele era um homem? e, usando o método das batidas ele respondeu que sim; se ele era um mascate? ele respondeu que sim.

Então eu perguntei sobre o momento em que ocorreu o assassinato, falando os diferentes dias da semana, e as diferentes horas do dia, e soubemos que ele foi assassinado na noite de terça, por volta da meia noite. Ele fez o ruído somente quando o período exato era mencionado. Quando foi perguntado se ele foi assassinado numa quarta-feira, numa quinta-feira ou numa sexta-feira, não houve nenhum som. Eu perguntei se ele tinha algum baú? e ele bateu que sim. Quantos baús ele tinha? ele respondeu um. Da mesma forma, constatamos que ele tinha mercadorias no seu baú e que John Bell ficou com elas quando o matou; e que junto havia um outro pacote de mercadorias.

Perguntei se sua esposa ainda estava viva? e não houve ruído. Fazendo a pergunta ao contrário, perguntei se ela tinha morrido? e ouvimos um ruído. Então eu pedi para ele informar há quantos anos sua esposa tinha morrido? e ele fez dois ruídos. Da mesma forma eu confirmei que os seus filhos continuavam vivos e morando neste Estado e falando em voz alta cada um dos condados, somente ouvimos um ruído quando perguntei se eles viviam no

Condado de Orleans. Estas perguntas foram repetidas várias vezes e o resultado sempre foi o mesmo.

Então, falando cada uma das letras do alfabeto[5], procurei saber as primeiras letras do nome dele. Comecei pela letra A, para a qual ele não fez ruído. Quando cheguei no C, ouvimos uma batida. Continuei até o final do alfabeto mas não ouvimos nenhum ruído. Então recomecei a soletrar o alfabeto para obter a inicial do seu sobrenome; e quando eu perguntei se era B, ocorreu um ruído. Ainda soletramos todas as outras letras, mas não houve nenhum som. Então eu perguntei se usando esse método poderíamos saber o seu nome completo? E não ouvimos ruído. Então eu inverti a questão, e o som foi ouvido. Questionado se o assassino seria punido pela justiça humana por cometer este crime, ele não respondeu. Fiz a pergunta ao contrário e ouvimos um som. Então tentei saber o motivo do crime, e após termos feito várias questões a ele, a respeito disso, só obtivemos um som quando perguntei se era por falta de testemunha. Perguntei se o assassino seria punido depois da morte? ouvimos um ruído bastante alto. Perguntei, então, se havia punição após a morte? respondeu pelo ruído que sim. Então eu perguntei se ele iria produzir ruídos no sábado à noite? ouvimos a batida confirmando, e também soubemos que ele iria continuar a bater até que seu corpo fosse encontrado.

Eu e os outros fizemos muitas perguntas naquela noite que não me recordo agora, mas posso afirmar que foram prontamente respondidas pelo método dos ruídos. Fiquei

---

[5] Neste momento, William Duesler cria a telegrafia espiritual, que será adotada como um dos métodos para comunicação com espíritos em centenas de círculos espiritualistas nos anos seguintes.

na casa até perto da meia-noite, e depois voltei para a minha casa. O Sr. Redfield e o Sr. Fox passaram a noite na casa.

Sábado à noite estive lá novamente, por volta das 19 horas e encontrei a casa cheia de gente e me disseram que os ruídos já tinham recomeçado. Fui até o quarto e os ruídos estavam respondendo às perguntas. Quando chegou a minha vez de perguntar, repeti as mesmas perguntas da noite anterior e ele me deu as mesmas respostas. Fiz novas perguntas que também foram respondidas. Algumas pessoas me pediram que eu saísse do quarto e deixasse outras pessoas perguntarem, então eu vim embora para a minha casa. Calculo que quando ali estive no sábado, havia umas trezentas pessoas, considerando dentro e fora da casa. Enquanto eu estive lá, vi Hiram Soverhill e Volney Brown fazerem perguntas e ouvi o ruído respondendo para eles.

Voltei lá no domingo, entre 13 e 14 horas. Eu fui para o porão junto com alguns outros e pedimos que todos que estavam no piso acima de nós saíssem da casa. Então eu pedi que fosse confirmado se tinha um homem enterrado no porão e que estava tentando se comunicar usando ruídos? No momento em que fiz essa pergunta, aconteceu um som no chão do quarto acima de nós, semelhante à queda de uma vareta de não mais que trinta centímetros de comprimento e com um centímetro de espessura no assoalho do quarto acima das nossas cabeças. Dava a impressão de que não era jogada no chão, pois produzia um único som. Eu disse a Stephen Smith que subisse para verificar se poderia descobrir qual era a causa do ruído. Ele retornou dizendo que não encontrou nada e que também

não havia ninguém lá em cima na sala e em nenhum outro compartimento da casa. Então eu fiz mais duas perguntas, e ele respondeu batendo da forma habitual. Subimos as escadas, e fizemos uma busca minuciosa em todos os recintos, mas não encontramos ninguém.

Arranjei uma faca e um garfo e tentei ver se conseguia fazer o mesmo barulho ao deixá-los cair, mas não consegui. Isso foi tudo que eu ouvi no domingo. Há apenas um assoalho de madeira entre o quarto e o porão não havendo um lugar onde alguém poderia se esconder para produzir os ruídos. Quando esse ruído era ouvido no quarto, eu podia sentir um tremor leve no assoalho.

Tentou-se fazer uma escavação no porão na noite de sábado. Eles cavaram até que veio água, e então desistiram. Tinha sido perguntado antes, se seria adequado cavar naquela noite, e não houve resposta. E se seria errado cavar naquela noite, e soou um ruído. Perguntaram se deveríamos cavar no domingo? não houve som. Na segunda-feira? então, ouvimos novamente o ruído. No entanto, por insistência de alguns, a escavação foi iniciada naquela mesma noite, sem sucesso.

Na segunda-feira à noite, ouvimos os ruídos novamente, e resolvemos fazer as mesmas perguntas que eu já tinha feito, e obtivemos as mesmas respostas. E foi esta a última vez que ouvi os ruídos.

Não tenho nenhum tipo de explicação para este ruído diferente, que eu e outras pessoas ouvimos. É um mistério para mim, e não sou capaz de resolver. Posso até depor sob juramento que não fui eu que fiz os ruídos ouvidos por nós, e que também não sei de ninguém que pudesse ser capaz de fazer aquelas batidas; e que desde aquelas

ocorrências passei bastante tempo tentando entender as suas causas; mas no meu entender só pode ser mesmo uma causa sobrenatural. Eu morei naquela casa há sete anos atrás, e naquela época não ouvi nenhum ruído desse tipo na parte interna ou na parte externa da estrutura da casa. Fiquei sabendo que Johnson e outros moraram antes de John Bell mudar para lá, e não tinha nada desses ruídos quando eles ocuparam a casa. Eu nunca acreditei em casas mal-assombradas, e também nunca ouvi nem vi alguma coisa que eu não pudesse explicar; mas quanto a estas ocorrências, até agora eu ainda não sei explicar.

12 de abril de 1848. (Assinado) **William Duesler**,

Declaração de Walter Scotten

Eu moro na cidade de Arcadia, a dois quilômetros de distância da residência de John Fox. Conheço o Sr. Fox e sua família, e tenho certeza que eles são pessoas respeitáveis e honestas. A primeira vez que ouvi falar das coisas misteriosas que estavam acontecendo lá, foi no domingo da semana passada por volta das 10 horas da manhã. Então fui até a escola de Hydesville para a reunião das 13 horas. Dali partimos para a casa do Sr. Fox, com o objetivo de ouvir o tal ruído, se o ruído aparecesse. Não sou daqueles que acredita em coisas inexplicáveis e por isso resolvi ir pessoalmente verificar o que estava acontecendo. Quando cheguei na casa já tinha uma dúzia de pessoas presentes e eles pediram para eu fazer as perguntas. Primeiramente eu ouvi o relato da Sra. Margaret Fox a respeito do que tinha acontecido. Então comecei a fazer perguntas, e os ruídos foram respondendo. Como já tinham me avisado sobre as perguntas feitas

anteriormente, a minha primeira pergunta foi: é de certeza que vamos encontrar o corpo? e ele respondeu com três batidas. Se continuassem cavando iam encontrar o corpo? e um ruído confirmou que sim. Então alguns de nós descemos até o porão, esperando que, com menos gente, ouviríamos melhor os ruídos e também para verificar se o tipo de ruído ouvido lá embaixo seria igual ao que estávamos ouvindo no quarto. Eu perguntei a ele quanto dinheiro ele tinha quando foi morto, e que comunicasse o número de centenas de dólares? Ele bateu cinco vezes, indicando 500 dólares[6]. Eu não sabia que esta pergunta já tinha sido respondida antes, mas me avisaram isso depois, confirmando que tinham obtido a mesma resposta. Perguntei a quantos pés de profundidade o corpo estava enterrado? e ele fez dez ruídos. Houve ainda muitas outras perguntas, muitas foram respondidas, outras não foram. As perguntas afirmativas que não foram respondidas, foram refeitas ao contrário e, então, obtivemos respostas. Ao perguntarmos quantos filhos ele tinha deixado, ouvimos cinco batidas. Foi perguntado se sua esposa era viva? e não houve nenhum ruído; perguntamos há quantos anos ela tinha morrido? então, ouvimos dois ruídos. Quando estávamos no porão as batidas pareciam vir do chão. Alguns achavam que vinha de um lado, enquanto outros insistiam em afirmar que o som provinha de outro lado. Não conseguíamos afirmar com certeza de onde o som provinha. É um tipo de som que não se consegue reproduzir batendo no chão. Eu mesmo tentei de várias formas fazer aquele ruído, mas nunca consegui

[6] O valor de 500 dólares conferia ao mascate uma pequena fortuna, mais do que o salário anual de um trabalhador.

imitar esse tipo de ruído. Nessa ocasião eu estava no porão acompanhado de minha esposa, e também de Stephen Smith, da Sra.Fox, da Sra. Losey, de William Storer e duas meninas. Fiquei na casa por apenas meia hora e então voltei para a minha casa. Os únicos momentos em que ouvi ruídos naquela casa foram naquela ocasião. Procedeu-se uma escavação no porão enquanto estive lá, e penetraram menos do que um metro no solo. O buraco logo se encheu de água e isso impediu que continuassem a escavar.

Quarta-feira, 12 de abril, 1848. (Assinado) **Walter Scotten**.

Declaração da Sra. Elizabeth Jewell

Eu sou a esposa de David Jewell, e moramos bem perto da casa ocupada por John Fox, aonde ocorrem os ruídos estranhos. Chamaram-me para ir lá na sexta-feira à noite, dia 31 de março, por volta das 22 horas. Quando eu cheguei, William Duesler estava fazendo perguntas sobre o assassino. Foram citados os nomes de vários indivíduos (nomeando uma por uma as várias pessoas que já tinham morado naquela casa e outros que eram vizinhos) mas não ocorreu nenhuma resposta até que o nome de John Bell foi falado em voz alta, perguntando se tinha sido ele o assassino; todos ouvimos imediatamente uma batida bastante alta. Foi novamente perguntado se algum dos vizinhos o tinha ferido; a saber: Sr. Jewell? Sr. Hyde? e outros, mas não houve ruído de resposta. Foi perguntado se ele foi morto naquela sala? e ouvimos o ruído confirmando. Se foi enterrado no porão? ouvimos dois ruídos! Como o corpo foi transportado para o porão – pela porta do lado de fora? não houve ruído. Foi pela porta

interna através da despensa? e o ruído foi ouvido claramente. Muitas outras perguntas foram feitas a respeito do assassino: a profundidade em que o corpo foi enterrado, a quantidade de dinheiro que foi roubada pelo assassino, e obtivemos respostas para todas elas através dos ruídos.

Eu visitei a casa novamente na noite de sábado, dia 1º de abril, e juntamente com outras pessoas ouvi todas as perguntas serem respondidas pelo meio dos ruídos. Eu fiz as seguintes perguntas: foi John Bell que te matou? e o ruído soou forte. Ele te matou num sábado à noite? não houve ruído; na noite de domingo? na segunda-feira à noite? nenhum ruído; na terça-feira à noite? e então os ruídos foram ouvidos. A que horas – foi às nove horas? dez horas? onze horas? nenhum som. Foi à meia-noite? Neste momento o ruído soou e todos na sala ouviram. As perguntas que não obtinham resposta eram novamente feitas de forma invertida, e então surgia resposta.

Eu visitei o local várias vezes em dias em que não houve nenhum ruído, que só retornou ontem, dia 13 de abril, por volta das 9 horas da manhã. A Sra. Fox perguntou se ele iria responder a perguntas feitas por mim, e ouvimos um ruído. Ela perguntou quantos minutos levou para morrer quando foi assassinado? Ocorreram seis ruídos, mais baixos do que os outros ruídos que eu ouvi antes. Quantas horas o corpo permaneceu no quarto? Ele bateu seis vezes. John Bell está arrependido de ter cometido o assassinato? – dois ruídos. Quantos casacos a Sra. Bell cortou e recosturou depois do assassinato? ele deu duas batidas. Esses casacos pertenciam ao homem assassinado? houve um ruído.

Muitas outras perguntas foram feitas naquele momento, mas eu não conseguiria me recordar agora, e todas elas foram respondidas. Os ruídos estavam mais fortes desta vez do que nas outras ocasiões em que estive lá.

Eu nunca acreditei em aparições sobrenaturais, e nunca vi nem ouvi alguma coisa inexplicável semelhante a esta. Não sei como explicar essas coisas, talvez seja algo sobrenatural. Eu tenho amizade com a família do Sr. Fox há bastante tempo, e posso seguramente afirmar que eu nunca vi nem soube de qualquer coisa a respeito da conduta deles que os desabonaria, então isso me leva a supor que eles não estão trapaceando ou fazendo algo para enganar as pessoas. Ao contrário, eu sempre os tive como pessoas honestas e gente correta, e bons vizinhos. Eu sei que há alguns anos atrás a Sra. Bell esteve reformando e colorindo um sobretudo para o Sr. John Bell. Ela alegou estar fazendo isso porque o casacão estava antiquado.

Se me convocarem, estou disposta a dar testemunho da verdade da declaração acima.

14 de abril de 1848. (Assinado) **Elizabeth Jewell**.

Declaração de Lorren Penny

Eu estava na casa de Duesler na sexta-feira à noite, dia 31 de março e foi lá que me falaram que ruídos estranhos estavam acontecendo na casa de John Fox, que fica do outro lado da estrada; então me dirigi até lá e entrei na casa. O Sr. Hyde e sua esposa, o Sr. Redfield e esposa, o Sr. Duesler e esposa, e vários outros estavam lá e pude observar Duesler fazer perguntas à pessoa que tinha sido assassinada.

Depois de várias questões terem sido respondidas por ruídos, conseguimos entender que ele tinha sido morto dentro da casa com um corte na garganta feito com faca de açougueiro, numa terça-feira à meia noite, e que seu corpo foi enterrado no porão a três metros de profundidade. Foi então perguntado em qual local do porão o corpo estava enterrado – se no lado norte? ou no lado sul, mas não houve respostas. Ou se foi enterrado no meio do porão? e o ruído respondeu que sim. O Sr. Redfield desceu para o porão e começou a caminhar, tendo sido perguntado se havia uma pessoa em cima do local onde o corpo estava enterrado. Sempre que Redfield estava no centro do porão o ruído se manifestava; mas quando ele se movia para outro lugar, o ruído cessava. O Sr. Redfield disse que lá embaixo ele também podia ouvir as batidas.

O Sr. Duesler perguntou sobre o trajeto usado para levar o corpo para o porão – se foi pela porta externa do porão? mas não ouvimos ruído de resposta. Se o trajeto foi através da despensa, e então descendo a escada interna? e os ruídos foram novamente ouvidos. Pediram então que através de ruídos fosse comunicada a idade de cada um dos presentes, o que foi feito corretamente. Na sequência foi perguntado qual o número de crianças de cada uma das famílias da vizinhança, e ele respondeu corretamente. Pediram que ele comunicasse a sua própria idade, e então todos contamos as trinta e uma batidas que ele produziu.

Muitas outras perguntas foram feitas enquanto eu estava lá, e todas foram respondidas. Eu ouvi a leitura da declaração de William Duesler sobre as ocorrências dessa noite, e posso afirmar que está tudo correto naquilo que eu

presenciei, mas devo afirmar que não fiquei lá o tempo todo.

Não tenho dúvidas de que John Fox e sua família são honestos, e que dizem a verdade sobre este assunto. Eu não acho que eles ou William Duesler estejam fazendo algum tipo de encenação para enganar o público.

Tudo isso trouxe grandes problemas para John Fox e sua família: eles estão repletos de visitantes, e a tranquilidade deles foi abalada. Eu não poderia ter me enganado sobre esse ruído, porque eu o ouvi muito nitidamente, embora eu não saiba como explicar sua origem.

Tenho certeza que não poderiam ser produzidos por qualquer pessoa na casa. A casa foi revirada de cima a baixo e não se encontrou nada que estivesse fazendo aquele barulho. Eu não fui lá acreditando de antemão que seria algo real; eu achava que seria algum tipo de truque ou ilusão.

12 de abril de 1848. (Assinado) **Lorren Penny**.

Declaração de James Bridger

Estive na casa de John Fox juntamente com outras pessoas, na noite de sexta-feira. Eu fui lá com o Sr. Penny. Não tenho ideia de como uma pessoa pode gerar aquele tipo de ruídos. Se esses sons tivessem sido ouvidos uma ou duas vezes, eu nem daria atenção porque com certeza seria alguém fazendo alguma brincadeira para assustar a família Fox, o que agora eu realmente acho que é impossível.

12 de abril de 1848. (Assinado) **James Bridger**.

Declaração de Chauncey P. Losey

Semana passada estive na casa do Sr. Fox no sábado à noite. Ouvi falar que estavam acontecendo ruídos inexplicáveis e fui lá conferir. Posso dizer que tinha muita gente no local quando cheguei. Avalio que estavam aproximadamente quatrocentas pessoas junto à casa no começo da noite. Foram feitas muitas perguntas a respeito do assassino e as respostas foram dadas por meio de batidas. O Sr. Duesler foi uma das pessoas que fez perguntas, e eu afirmo que ouvi os ruídos respondendo a ele. Pelo que eu conheço do Duesler posso garantir que a declaração dele é verdadeira, e se eu não tivesse presenciado os ruídos respondendo às perguntas que ele fez, ainda assim eu não teria dúvida do que ele afirmou porque até onde eu sei, ele declarou a verdade sobre este caso. Eu não acho que ele teve algum tipo de ajuda na produção dos ruídos. Fiquei lá dentro ouvindo os ruídos por quase uma hora. Eu não sei dizer de onde os ruídos vinham. Se fosse um ser humano que fizesse os barulhos, ele teria que se mover de um lugar para outro. E também acho que um ser humano não conseguiria responder corretamente a tantas perguntas sobre a idade de todas as pessoas e outras coisas. Não há possibilidade de alguém ou alguma coisa ter ficado escondido entre o quarto e o porão fazendo os ruídos. Acho que tinha umas cem pessoas bem junto à casa quando já tinha anoitecido e todas ouviram os ruídos. Todos eles disseram que aquilo era um mistério que ninguém conseguia explicar, embora algumas pessoas falaram que não acreditavam que poderia ser algo sobrenatural.

12 de abril de 1848. (Assinado) **Chauncey P. Losey**.

Declaração de Benjamin F. Clark

Há uma semana atrás, no domingo, estive na casa do Sr. Fox acompanhado de Duesler e Stephen Smith. Descemos até o porão. Não havia ninguém nos demais recintos, porque todas as pessoas tinham sido retiradas da casa. Foram feitas algumas perguntas e o ruído respondeu. Acho que o Sr. Duesler perguntou se caso se tratasse de um homem assassinado, que respondesse dando uma batida forte ou outro tipo de sinal. Naquele momento, ouvimos um ruído forte acima das nossas cabeças. Era um ruído tão alto quanto a queda de uma faca ou um garfo no chão, só que não repicava depois. Parecia um golpe **estático** no chão, e nada mais. Smith subiu as escadas correndo para ver o que teria caído no chão, mas ele disse que não encontrou nada. Então todos fomos lá para cima fazer uma busca minuciosa nos quartos e concluímos que não havia ninguém lá na parte térrea da casa. E não achamos nada no chão do porão que poderia ter feito aquele barulho.

Tentamos fazer um som parecido soltando do alto uma faca e um pedaço de pau, mas não conseguimos produzir um ruído isolado pois ocorriam outros ruídos por consequência natural da queda desses objetos. Nesse momento ouvimos mais ruídos e ficamos assustados com o que estava acontecendo.

12 de abril de 1848. (Assinado) **Benjamin F. Clark**.

Declaração da Sra. Elizabeth Fox

Eu moro a quatro quilômetros da casa onde foram ouvidos os ruídos. A primeira vez que ouvi sobre os sons foi há uma semana atrás, na sexta-feira. No sábado, eu ouvi

falar disso de novo, então fui até lá de noite para ver o que era. John Fox, que mora na casa, é o meu sogro. No sábado à noite havia uma grande multidão lá. Eu ouvi a batida soar logo depois que eu cheguei.

William Duesler estava no quarto, fazendo perguntas. Ele perguntou se o homem tinha sido assassinado naquele quarto, e ele confirmou. Ele também confirmou com uma batida quando perguntado se ele foi enterrado no porão. Duesler perguntou, então, se os restos mortais estavam enterrados na profundidade do terreno em que tem água e ele bateu confirmando. Eu fiquei no quarto por apenas alguns minutos. Havia tanta gente lá, que foi combinado que as pessoas ficariam no quarto apenas por alguns minutos e então sairiam para dar oportunidade de outros poderem entrar e ouvir os ruídos. Foram formadas equipes utilizando as pessoas presentes, e alguns ficavam no porão, outros nos demais recintos da casa para tentar determinar a causa dos ruídos. Acredito que começaram a cavar antes de eu ir embora ainda naquela noite. Eu passei a noite na casa de William Duesler.

Na manhã seguinte, fui até a casa, entrei no quarto e fiz perguntas. Estavam na casa apenas o Sr. Fox e sua família. Pedi para uma das meninas ficar do lado de fora da casa para ver se não havia ninguém lá produzindo as batidas. Então perguntei quantos filhos eu tenho? e ele bateu três ruídos. Qual a idade deles? e ele comunicou as idades corretamente. Perguntei se ele foi assassinado no quarto e enterrado no porão? e ele bateu novamente. Eu então perguntei há quantos anos ele tinha sido morto? e ele bateu quatro vezes, e então, depois de um curto intervalo, ele fez mais um ruído. Perguntei se John Bell era o assassino? e

ele confirmou. Se a justiça deste mundo iria puni-lo? não houve ruído. Se ele seria punido no outro mundo? e antes que eu terminasse de falar ele fez um ruído.

A esposa de William Duesler chegou e preferiu entrar sozinha no quarto para fazer perguntas. Ela logo saiu, pálida como a morte. Ela disse que havia feito uma pergunta e ele tinha respondido.

Vieram pessoas o dia inteiro para ouvir os ruídos até quase de noite, quando foram embora. Stephen Smith e sua esposa e meu marido e eu, passamos a noite ali. Todos nós dormimos neste quarto, mas não ouvimos nenhum barulho durante a noite.

Voltei lá somente na quarta-feira de manhã. Então fui para o quarto assim que cheguei, e fiz algumas perguntas que foram respondidas por ruídos. A maioria das perguntas que eu fiz foram as mesmas questões que outras pessoas já tinham feito antes, e recebi as mesmas respostas.

A srta. Culver esteve comigo a maior parte do tempo, e ouviu as perguntas e as respostas. Então caminhei e sentei na escada do porão, e perguntei a ele quantos filhos tinha no momento da sua morte? e ele bateu cinco vezes, – quantos meninos? duas batidas, – quantas meninas? três, – quantos deles são cristãos? três, – eles pensam muito em você? a resposta foi um ruído mais alto do que antes.

Eu então perguntei se ele poderia aparecer para mim? e fez o ruído, – e para todo mundo, você apareceria? não houve resposta. Eu então pedi para ele dizer a minha idade e passamos a contar a resposta dele – 23 batidas, que é exatamente a minha idade.

Perguntei se não havia um grande número de pessoas descrentes, e muitos que zombavam dele? um ruído foi a

resposta. Então pedi a ele que batesse bem alto, e ele o fez. Eu pedi a ele que fizesse um som da mesma intensidade que eu fizesse, e bati com força as minhas mãos, e ele repetiu o som na mesma intensidade. Era como se o ruído viesse debaixo dos meus pés.

Nesse momento, ouvimos ruídos por toda a casa. Eu perguntei se ele responderia perguntas de qualquer pessoa? e ele não respondeu. Fiz outras perguntas durante quase duas horas, e ele sempre respondeu. Eu não sei explicar de onde esses ruídos vêm, e acho impossível uma pessoa conseguir fazer esses sons.

12 de abril de 1848. (Assinado) **Elizabeth Fox**.

Eu estava presente, hoje, no momento em que a Sra. Elizabeth Fox contou como começou a ouvir essas batidas, e eu também ouvi esses ruídos respondendo às perguntas que ela mencionou. Desde que as manifestações começaram, esta foi a primeira vez que fui até aquela casa. 12 de abril de 1848. (Assinado) **Vernelia Culver**.

Declaração de William D. Storer

Moro nesta vila há cinco anos. Foi no dia 1º de abril que ouvi falar sobre um ruído estranho estar ocorrendo na casa de John Fox. Só decidi ir até lá por volta das 19 horas. Creio que havia mais de duzentas pessoas lá naquela noite. Entrei na casa e ouvi o estranho ruído: ele parecia vir do próprio chão. O Sr. Duesler estava fazendo perguntas. Ele pediu para responderem a sua idade, e o ruído deu trinta e uma batidas. Então ele perguntou se John Bell o tinha matado? e ele produziu uma batida confirmando. Anteriormente o Sr. Duesler já tinha feito questões sobre

ele ter sido assassinado e outras perguntas. Fiquei no quarto por uns 15 ou 20 minutos. Ele perguntou se a Doutrina Universalista era verdadeira? e não ouvimos nenhuma resposta; então perguntou se era falsa? e ouvimos três batidas. Ele também perguntou se a Doutrina Metodista era verdadeira? e houve uma batida. Se ele tinha uma esposa? dois sons foram ouvidos. Quantos filhos? ouvimos cinco ruídos.

Não me recordo de todas as outras perguntas que foram feitas durante o tempo em que eu estive na sala. Fiquei por lá até as 22 horas e, em seguida, fui para minha casa. Eles não tinham começado a cavar quando eu vim embora, mas estavam falando sobre isso.

No dia seguinte, eu ouvi o ruído no porão daquela casa. Walter Scotten e a esposa, o Sr. Losey e alguns outros, estavam lá também. O Sr. Scotten e sua esposa fizeram as perguntas. Não havia ninguém na parte de cima da casa. Foi perguntado se ele tinha sido assassinado? e ele respondeu com um ruído. Se John Bell tinha feito isso? E o ruído confirmou. A Sra. Scotten perguntou quantos filhos ela tinha? e ele fez dois ruídos, o que está correto. Então eu disse ao Sr. Scotten para perguntar, se o coração de um homem deve ser purificado antes de entrar no reino dos céus? e ele bateu que deve. Este ruído parecia vir debaixo da terra, talvez a uns 30 centímetros no chão do porão. No domingo tinha pouca gente na casa, por isso podíamos ouvir os ruídos bem nitidamente. Eu não consigo imaginar de qual maneira uma pessoa poderia produzir esses ruídos. Examinei as estruturas da casa com muito cuidado, e não consegui encontrar nada que me explicasse a origem desses sons; não tinha cabo nem fio, ou qualquer coisa que

fizesse esses sons à distância. Não existe nenhuma possibilidade de alguma coisa enterrada estar fazendo esses ruídos. Eu nunca tinha ouvido antes um ruído daquele tipo. Eu sempre tive certeza que o Sr. Fox e sua família são pessoas sinceras e honestas; e eu não acho que eles teriam algum proveito se tentassem fazer algum tipo de trapaça nesta comunidade. Esta perturbação tem trazido um grande número de problemas para eles, e se fosse uma farsa eles não teriam nenhum motivo para continuar com isso.

12 de abril de 1848. (Assinado) **William D. Storer**.

Declaração de Marvin P. Losey

Ouvi pela primeira vez este ruído no sábado da semana passada. Eu ouvi a declaração do Sr. Storer falando sobre o que ocorreu naquela noite, e afirmo que é tudo verdadeiro e correto. Eu ouvi aqueles ruídos respondendo às perguntas que ele formulou. Desci até o porão na companhia de Carlos Hyde, George Bridger, e Ezekiel Dailey. O Sr. Duesler ficou lá em cima no quarto fazendo as perguntas. Ele disse que ficássemos parados todos num único lugar e orientou o Sr. Hyde a caminhar de um ponto a outro. Então o Sr. Duesler ia perguntando se tinha alguém em cima do local onde seu corpo estava enterrado. Os ruídos só aconteceram quando o Sr. Hyde ficou mais ou menos no centro do porão, e ouvimos vários sons repetidos e bem nítidos, e todos ouviram. O Sr. Duesler afirmou que Hyde estava no lugar certo, embora ele mesmo não pudesse nos ver, e ele podia apenas ouvir o ruído confirmando. O Sr. Duesler usou sempre o mesmo tom de voz para fazer as perguntas, para que isso não

influenciasse nas respostas. Eu não poderia dizer com certeza de onde esses ruídos provinham, embora para mim pareciam vir do porão. Tenho certeza que se uma pessoa estivesse fazendo esses ruídos nós a teríamos encontrado.

Depois disso eu ouvi os ruídos no quarto, e eu estava com a minha mão sobre a cabeceira da cama. A Sra. Fox perguntou se John Bell assassinou o homem cujo corpo foi enterrado no porão? O ruído foi bem alto e nítido e fez tremer a cama. Eu ouvi a mesma pergunta feita pelo Sr. Duesler, e a mesma resposta foi dada. Não retornei para ouvir os ruídos novamente depois daquela noite.

Abril 12, 1848. (Assinado) **Marvin P. Losey**.

Declaração de David S. Fox

Eu moro a quatro quilômetros da casa onde esses ruídos diferentes foram ouvidos. Meu pai, John Fox, vive nesta casa há cinco ou seis meses. Faz dez anos que moro nesta vila. A primeira vez que ouvi falar sobre esses sons foi há uma semana, na sexta-feira, e eu disse que se procurassem iriam encontrar a causa dos ruídos, porque me pareceu que era alguma coisa da própria casa. Fui até lá, fiquei pouco tempo, não ouvi nada e voltei para a minha casa.

Na manhã seguinte me procuraram dizendo que os ruídos tinham voltado. Voltei lá no sábado de noite, e presenciei várias perguntas feitas por indivíduos diferentes, e os ruídos respondiam às perguntas. Mas algumas perguntas não foram respondidas. Foi perguntado sobre qual dia da semana ele foi morto, e o som só foi ouvido quando foi mencionada a terça-feira. Continuaram as perguntas, e as respostas sempre vinham pelos ruídos, que nos permitiram entender que ele foi

assassinado por volta da meia noite de uma terça-feira, tendo sua garganta cortada com uma faca de açougueiro. Foi perguntado qual idade ele tinha na época da sua morte e ele fez trinta e um ruídos bem separados, de modo que todos pudemos contar uma por uma das pancadas.

Acorreu um grande número de pessoas naquela ocasião, e foi tanta gente que não caberia todo mundo dentro da casa. Resolveram criar algumas comissões fazendo com que grupos de pessoas ficassem em diferentes partes da casa, para ter certeza que não havia alguém tentando enganar as pessoas. Essas equipes foram compostas pelos vizinhos próximos e outras pessoas que moram aqui perto.

Foram feitas perguntas sobre quem cometeu o assassinato. Perguntaram se o autor do crime tinha sido Duesler (antes disso ele havia respondido que era o espírito de um homem assassinado) mas não ouvimos ruído nenhum. Em seguida, perguntaram se o Sr. Feasler era o criminoso? Ou Johnson? e vários outros, que tinham morado antigamente na casa, mas não houve nenhum ruído de resposta. Ao perguntarem se John Bell tinha sido o assassino, os ruídos soaram várias vezes. Perguntaram se John Bell estava sozinho com ele na hora do crime, e ele confirmou fazendo um ruído. Ao perguntarem se a esposa de John Bell presenciou o crime, não houve nenhum som. Se ela não sabia de nada? Aí então ouvimos um ruído. Se ele foi assassinado por causa de dinheiro? ele bateu confirmando. Se foi por cem dólares, por trezentos, por quatrocentos? Não houve ruído. Por quinhentos? ele bateu afirmando que era isso. Em seguida, respondendo a perguntas de várias pessoas, ele confirmou que era um homem casado e que tinha cinco filhos.

Pelo que entendi, a maioria dessas perguntas já tinham sido feitas na noite anterior, e as respostas obtidas haviam sido as mesmas. As questões foram feitas de formas diferentes e não houve contradição, por isso estou convencido de que estes ruídos não poderiam ser obra do acaso. A forma como as perguntas foram feitas e respondidas me fazem duvidar que algum ser humano poderia estar produzindo isso e ficar tanto tempo sem ter sido descoberto.

Não há nenhum lugar na casa em que uma pessoa pudesse fazer esses ruídos escondida. Tem só um piso entre o quarto e o porão. Buscou-se então saber em qual lugar exato o corpo foi enterrado no porão. Sucessivamente foi perguntado se estava num dos quatro cantos do porão, mas não houve resposta. Quando perguntaram se tinha sido enterrado no centro do porão, o som respondeu confirmando. Carlos Hyde estava no porão caminhando, e foi feita várias vezes a pergunta se Carlos estava em cima do lugar onde o corpo foi enterrado, e somente ouvíamos um ruído quando ele estava no centro do porão; ninguém fora do porão podia ver Carlos e nem saber o local exato onde ele estava.

Todas as vezes que Carlos caminhava perto do centro do porão, os sons voltavam e quem estava no porão podia ouvir e todos no quarto também.

Fiquei na casa até uma da madrugada, e nessa hora os ruídos já tinham parado. Na verdade, ele parou um pouco antes da meia noite. Depois que boa parte das pessoas tinha ido embora, alguns começaram a cavar no porão. Eles cavaram um metro mas veio tanta água do subsolo que tiveram que parar imediatamente. Eu não me lembro

de ter ouvido um ruído desse tipo antes. Um grande número de perguntas foi feito hoje, e as respostas foram as mesmas obtidas nos dias anteriores.

Eu estive aqui no dia 3 de abril, segunda-feira, e voltamos a cavar no porão retirando a água, mas mesmo assim achamos que não era possível continuar. Na terça-feira à noite começaram a cavar de novo. Eu tenho uma bomba, então tiramos o assoalho e a pusemos no buraco, e conseguimos cavar e bombear a água para fora. Tivemos que desistir porque não conseguimos abaixar o nível da água. A água no buraco baixava muito pouco. Eu penso que estando lá tanta gente respeitável, e como todos ouviram os mesmos ruídos que eu, tem que existir algo sério lá. Eu nunca acreditei em casas mal-assombradas, ou qualquer coisa desse tipo. As coisas que eu tinha ouvido ou visto antes, todas tinham uma explicação aceitável. Mas esse ruído eu não sei explicar como sendo produzido por uma pessoa. Estou perfeitamente disposto a dar meu juramento, se for necessário, quanto à veracidade desta minha declaração.

Terça-feira, 11 abril, 1848. (Assinado) **David S. Fox**.

Declaração da Sra. Mary Redfield

Conheço o Sr. Fox e sua família, que moram na casa onde esses ruídos estranhos foram ouvidos. Fui chamado pelo Sr. Fox, na noite do dia 31 de março, por volta das 20 horas, para ir a sua casa ouvir esses ruídos misteriosos, e como meus filhos me falaram que já tinham ido lá ouvir as tais batidas, eu fui. Eu fui bem tranquila, falando que eu não iria estranhar nada e que iria fazer uma farra com ele, se fosse um fantasma.

A Sra. Margaret Fox me encontrou na porta do quarto, e ela e as meninas pareciam estar muito nervosas. Elas pareciam muito chorosas. Margaret Fox disse: "Maria, o que é que a gente faz agora? Já faz tempo que ouvimos esses ruídos e agora ele responde a todas as nossas perguntas. Não sabemos explicar o que está acontecendo. Ela me disse para eu sentar na cama ao lado dela, e então ela começou a fazer perguntas. "Agora dê cinco pancadas enquanto eu conto até cinco". E foram produzidos cinco ruídos bem separados. "Agora vamos contar até quinze"; e ele bateu quinze vezes. Ela, então, pediu para contar a minha idade, e ele foi batendo e contamos trinta e três batidas. E esta é a minha idade. "Se você é um espírito assassinado confirme por três batidas". Ele fez três daqueles ruídos. A essa altura, eu fiquei muito intrigada – as meninas estavam muito assustadas. Eu disse a elas para não terem medo, porque se fosse uma revelação do mundo espiritual, aquilo não iria feri-las. Uma delas então disse, com muito sentimento, "somos inocentes – como é bom ter a consciência tranquila".

Muitas outras perguntas foram então feitas ao homem assassinado, – sua família, – o tempo do crime, – quem era o assassino, – a quantidade de dinheiro que motivou o crime – o local onde o corpo foi enterrado, – e recebemos respostas através dos ruídos, como afirma a Sra. Margaret Fox, o Sr. Duesler, e outros.

Das perguntas que foram feitas, algumas foram respondidas e outras não. Aquelas que não obtinham respostas, eram submetidas a nova pergunta ao contrário, e então eram respondidas. Quando se faziam perguntas invertidas para aquelas que já tinham sido respondidas,

ele não respondia. Muitos outros vizinhos vieram até a casa e ficaram bem assustados ao ouvirem o ruído misterioso. Todos eles disseram que não sabiam explicar o que estava acontecendo.

Eu visitei a casa de novo anteontem, (quarta-feira), por volta das 19 horas. Fui até o quarto onde havia muitas pessoas, e ajoelhada no chão ao lado da cama, perguntei se o céu existe mesmo? Então ouvimos três ruídos. – A minha filha Maria está no céu? A resposta foi uma batida. Estas perguntas foram feitas enquanto eu pedia em oração ao Ser Supremo que me fizesse uma revelação através dos ruídos misteriosos. Outra senhora na sala comentou que estava com medo. Eu disse a ela que Deus iria protegê-la, e, naquele momento, ouvimos vários ruídos ao mesmo tempo. Muitas perguntas foram feitas, algumas das quais foram respondidas, e outras não foram. Perguntei a se ele era um espírito de Deus? e ele bateu, – são os espíritos de nossos amigos falecidos que estão aqui? Um som foi ouvido.

Eu nunca fui uma crente em aparições sobrenaturais, e nunca ouvi qualquer barulho desses que não se pode explicar. Mas eu não posso de forma alguma imaginar que tenha mão humana fazendo esses sons. Conheço John Fox e sua família há vários anos e sempre os considerei pessoas honestas e corretas; e não acho que eles tenham algo a ver com o surgimento deste estranho barulho.

Podem me chamar para dar testemunho da veracidade da declaração que estou assinando, que vou fazê-lo com alegria.

14 de abril de 1848. (Assinado) **Mary Redfield**.

Aí está o caso, que permanece estranho. Parece estar além do poder da engenhosidade humana resolver o mistério emocionante que o rodeia. Estas declarações irão satisfazer a qualquer pessoa que, tendo confiança natural em seus conterrâneos, irá perceber que realmente aconteceu algo naquela pequena vila tranquila, e que ainda confunde toda a averiguação. Cremos que não possa existir alguém tão insensível ao ponto de dizer que todas essas pessoas honestas e inteligentes, cujas declarações aqui oferecemos, tenham combinado todos juntos, em pleno século XIX e nesta terra esclarecida, com a única finalidade de produzir a grande agitação que agora se estabeleceu. Eles com certeza não teriam motivo e uniformidade de interesses para chegar num pacto desse tipo; a época em que pessoas espertas usavam aparições fantasmagóricas e ruídos sobrenaturais para extorquir e praticar a tirania sobre os mais ignorantes e supersticiosos, já passou.

As declarações que aqui apresentamos são apenas um número pequeno em comparação com aquelas que poderiam ter sido obtidas, se se fizesse necessário, – mas pensamos serem suficientes para satisfazer até o mais incrédulo quanto aos fatos estabelecidos. Concedendo a elas, portanto, o crédito habitual que damos às afirmações solenemente feitas, que conclusão devemos tirar em relação a este caso estranho? "Vamos deixar o mundo saber que acreditamos que esta seja uma aparição sobrenatural?" pergunta um, que não consegue explicá-lo de outra forma. "Para que, apenas para as pessoas rirem de nós?" A artilharia da imprensa, bem como o sarcasmo individual, penso que irão prevenir a atual geração de adotar noções supersticiosas com demasiada facilidade.

No entanto, podem aqueles que riem e zombam estabelecer limites ao mundo espiritual, ou afirmar quais são suas conexões com o mundo material? Quem pode nos dizer dos seus limites na vastidão do espaço? ou afirmar que os espíritos dos mortos não estão pairando em torno de nós, – influenciando o nosso destino, embora essa influência pode ser invisível e insensível?

Nesta vida, ficamos muitas vezes admirados com o funcionamento misterioso da alma humana. Apesar de estar conectada à terra, conseguirá escapar da sua escravidão, partindo como um raio de luz em uma nuvem noturna.

> "Desenha belezas carmesins sobre uma nuvem próxima,
> E, com a sua luz, ilumina o firmamento sem estrelas."

Assim, brilhará por um breve momento no mundo das almas à sua volta, e, em seguida, mergulha de retorno à sua prisão. Se o espírito de Swedenborg podia, assim, "afastar-se de seu invólucro mortal", e revelar a ocorrência de eventos futuros, e, tornar-se conhecedor de coisas que estavam acontecendo a grande distância para, em seguida, retomar a sua disposição habitual, – por que não podem os espíritos dos mortos retornar e revelar-nos o que de outra forma permaneceria desconhecido? "Homens mortos não contam contos", é um adágio com o qual nos deparamos neste momento, – o horrível princípio que caracteriza as operações dos piratas nos mares! – e ainda assim, pergunte a Gibbs, e Gilbert, e Swansey, que expiaram sua carreira assassina no cadafalso, se os espíritos de suas vítimas não vêm assombrá-los, noite e dia, forçando-os a delatarem as provas de suas culpas e, o que era mais satisfatório para aqueles a quem o destino foi ultrajado. Eles repetiriam

para você, em seu último suspiro, as palavras de alerta de Macbeth, quando lhe apareceu o fantasma de Banquo,

> “"Já houve um tempo
> Em que, tendo os miolos estourados, morria de vez alguém,
> E estava terminado; – mas agora os mortos se levantam,
> Após vinte golpes fatais na cabeça
> E de nossas cadeiras nos expulsam
> Aí está algo mais estranho do que o próprio crime!”

Além das declarações que aqui estão, algo mais traz luz sobre este assunto: o esclarecimento que mostra a todos a existência de motivos razoáveis para essa agitação, e a crença de que essa manifestação é na realidade o espírito de uma vítima da avareza assassina, paira sobre o local onde o seu cordão vital foi rudemente desligado; imbuído em revelar à humanidade o seu destino prematuro; e acima de tudo, com a finalidade de mostrar para aqueles que derramam sangue humano, que assassinatos são sempre descobertos. As fontes das declarações poderão ser invocadas a qualquer momento, se necessário, pois vêm de pessoas que não teriam nenhum motivo para forjá-las.

Declaração da Sra. Hannah Weekman

Ouvi falar sobre os ruídos misteriosos que estão acontecendo na casa agora alugada por John Fox. Nós já moramos naquela mesma casa, durante um ano e meio, e há cinco meses nos mudamos para nosso atual endereço. Há um ano atrás, quando estávamos morando lá, ouvimos batidas que pensamos provirem do lado de fora da porta. Eu tinha acabado de me deitar, mas o meu marido não tinha ido dormir. Ele foi até a porta e a abriu, e disse que

não tinha ninguém lá; ele voltou e estava indo para a cama, quando ouvimos as batidas na porta novamente. Ele foi novamente até a porta e a abriu, e disse que caminhou uns passos para fora da casa mas não viu ninguém. Então ele voltou e foi para a cama, muito zangado. Ele pensou que era algum dos rapazes vizinhos que estavam tentando nos perturbar, e disse que "eles podem ficar batendo lá fora, mas não vão me enganar", ou alguma coisa parecida. A batida foi ouvida novamente, e depois de um tempo meu marido se levantou e foi até a porta e saiu. Eu disse a ele para não ir lá pra fora porque poderia ser alguém tentando atraí-lo para o ferir. Ele saiu novamente e disse que ele não pôde ver nada. Ouvimos muitos ruídos a noite toda, mas não podíamos dizer exatamente de onde vinham; parecia alguém andando no porão. Mas a casa era velha, e nós pensamos que poderia ser o barulho de algumas tábuas soltas, ou algo desse tipo.

Algumas noites depois, uma das nossas filhas que dormiam no quarto onde os ruídos estão agora sendo ouvidos, acordou-nos a todos gritando muito alto. Meu marido e eu, e a babá, levantamos imediatamente para ver qual era o problema. Ela sentou-se na cama chorando e gritando, e demorou a falar qual era o problema. Ela disse que tinha alguma coisa tocando a sua cabeça e o rosto, – que era frio, e ela não sabia o que era. Ela disse que sentia aquilo no corpo todo, mas o que mais assustava era o que sentia no rosto. Ela estava muito assustada. Isso aconteceu entre meia-noite e uma da madrugada. Ela se levantou e veio para a cama com a gente, e levou bastante tempo até que ela voltasse a dormir. Muitos dias foram necessários

até que a convencêssemos a voltar a dormir naquele quarto. Ela tinha oito anos na época.

Não aconteceu mais nada que eu tenha presenciado durante o tempo em que moramos lá; mas o meu marido disse-me que uma noite ele ouviu alguém chamá-lo pelo nome, dentro da casa; ele não sabia de onde; mas nunca conseguiu descobrir o que era. Eu não estava em casa naquela noite. Eu estava fora cuidando de uma pessoa doente. Não pensamos que a casa estivesse sendo assombrada. Eu não acredito em fantasmas, ou coisas assim; mas eu nem sei o que dizer sobre isso agora, – tanta gente agora ouviu esses ruídos que talvez seja algo desse tipo que está acontecendo.

Terça-feira, 11 de abril, 1848. (Assinado) **Hannah Weekman**.

Declaração de Michael Weekman

Eu sou o marido de Hannah Weekman. Morávamos na casa agora ocupada pelo Sr. Fox, na qual eles afirmam estarem ouvindo ruídos estranhos. Moramos lá por um ano e meio. Uma noite, na hora de dormir, ouvi um ruído alto. Eu achei que era alguém batendo na porta e pedindo para entrar. Eu não disse para entrar, como costumo fazer, mas fui até a porta. Eu não encontrei ninguém lá fora; retornei, e quando eu estava indo para a cama, ouvi a batida na porta de novo, e abri a porta rapidamente, mas não vi ninguém. Dei dois passos para fora da casa e não encontrei ninguém. Então voltei para a cama. Eu pensei que alguém estava me pregando uma peça. Depois de alguns minutos, ouvi a batida de novo, e resolvi esperar um pouco até baterem de novo, aí me levantei e fui até a porta.

Desta vez, fui lá fora e olhei ao redor da casa, mas não consegui encontrar ninguém. Retornei, fechei a porta e fiquei segurando o trinco; e pensei que se tinha alguém ali fora, eu iria pegá-lo da próxima vez. Em um minuto ou dois, ouvi o ruído novamente. Minha mão estava na porta e eu senti a batida na porta. Eu pude sentir o tremor da batida. Eu abri a porta bem rápido e saí, mas não tinha absolutamente ninguém lá fora. Então eu dei mais uma volta inteira por fora da casa, e novamente não achei ninguém. Minha esposa me disse que era melhor não ir para fora de casa porque poderia ser alguém que quisesse me ferir. Eu não sabia o que pensar daquilo, pois era estranho e inexplicável.

A segunda vez que nós fomos perturbados por essa coisa, aconteceu com nossa filha que dormia no quarto. Ela nos acordou gritando, uma noite. Noutra noite, perto da meia-noite, eu estava acordado, e ouvi meu nome ser chamado. Soou como se fosse no lado dos fundos da sala. Eu sentei na cama e tentei ouvir, mas não aconteceu de novo. Resolvi não sair da cama, esperando para ver se meu nome seria repetido. Minha esposa não estava em casa naquela noite. Eu lhe contei isso depois, e ela disse que eu deveria estar sonhando. Minha esposa vivia assustada ouvindo barulhos estranhos na casa. Ouvi de muitas pessoas em quem eu tenho confiança, que esses ruídos apareceram de novo naquela casa, e então, fazendo uma conexão com o que aconteceu comigo, a única explicação que tenho é que se trata de uma aparição do outro mundo.

Coloco-me à disposição, se for necessário, para fazer depoimento formal a respeito da declaração que dei acima.

11 de abril, **Michael Weekman**.

Declaração da Sra. Jane C. Lape

Eu sou a esposa de Henry Lape, e tenho 19 anos de idade. Eu morei com a família do Sr. Weekman, há um ano e meio atrás, quando ele ocupou a casa onde o Sr. Fox mora agora. Fiquei lá até a primavera de 1847. Um dia, por volta das quatorze horas, enquanto eu estava fazendo o meu trabalho na cozinha, vi um homem no quarto se dirigir para a cozinha. A porta do quarto estava aberta, e eu vi o perfeitamente o homem. Eu fiquei muito assustada. Eu tinha estado na cozinha algum tempo trabalhando, e eu sabia que ninguém tinha entrado naquele quarto. Havia apenas uma porta para o quarto, e que dava para a cozinha. O homem ficou de frente para mim, quando eu o vi. Ele não falou nada, e eu não ouvi nem o barulho normal de alguém andando ou se movendo no quarto. Ele usava calça cinza, sobrecasaca preta e boné preto. Ele tinha altura média, eu acho. Eu não conhecia nenhuma pessoa na vizinhança, que usasse aquela roupa. A Sra. Weekman estava em outra parte da casa naquela ocasião. Eu estava muito assustada e saí do quarto, e quando voltei com a Sra. Weekman, não tinha mais ninguém lá. Ela disse que poderia ter sido alguém que quis me assustar, mas não conseguimos saber quem era ou o que era. Eu acho que era uma aparição sobrenatural. Eu nunca acreditei nisso e nunca tinha visto nada antes.

Fico à disposição para ser chamada a testemunhar a veracidade da afirmação acima, o que farei com satisfação.

Sodus, 17 de abril de 1848. (Assinado) **Jane. C. Lape**.[7]

---

[7] Na busca da declaração de Jane C. Lape, Lewis deslocou-se por vinte quilômetros na direção norte de Hydesville, até Sodus.

Declaração de Lucretia Pulver

Eu moro a pouco mais de dois quilômetros ao norte da casa ocupada pelo Sr. Fox, em que se diz que os ruídos são ouvidos. Sempre morei nesta região em que agora dizem estar ocorrendo os ruídos. Eu desconhecia essa conversação por meio de ruídos, e só fiz contato com isso depois que surgiu toda essa agitação. Eu tenho 19 anos de idade. Eu morei naquela casa durante um inverno, junto da família do Sr. Bell. Eu trabalhei para eles em um turno e em outro turno eu ia para a escola. Eu morei lá por três meses. No último mês que eu estava lá, ouvi com frequência os tais ruídos no quarto, sob o pé da cama. Ouvi várias noites, sempre que eu dormia no quarto.

Uma noite, eu pensei ter ouvido uma pessoa andando na despensa. A despensa é perto do quarto, e tem uma escada entre eles. A srta. Aurelia Losey passou a noite comigo; ela também ouviu o barulho, e nós duas estávamos muito assustadas, e levantamos, trancamos as janelas e a porta. Os sons eram de passos de alguém que vindo da despensa, desceu até o porão e caminhou até o fundo do porão e aí os sons cessaram. Não havia mais ninguém na casa naquele momento, a não ser o meu irmão mais novo, que dormia no mesmo quarto com a gente. Isso aconteceu por volta da meia noite, eu acho. Nós só fomos para a cama depois das 11, e não estávamos dormindo quando ouvimos o barulho. O Sr. e a Sra. de Bell tinham ido para Lock Berlin, e voltariam no dia seguinte. [8]

Não ouvimos mais nada naquela noite. Estávamos muito alarmadas, mas depois de um tempo deixamos pra lá.

---

[8] Lock Berlin é uma aldeia pertencente à cidade de Galen, distante 18 quilômetros de Hydesville.

Achamos que poderia ser o Sr. John Bell, porque eu ouvi a Sra. Bell dizer que tinha ouvido muitas vezes alguém ao redor da casa, e que ela acreditava que era um homem que estava tentando roubar. Depois disso não ouvi mais passos; só voltei a ouvir os ruídos habituais da casa de madeira.

Uma noite, na semana seguinte, a Sra. Bell me mandou ir no porão fechar a porta do lado de fora. Ao atravessar o porão, eu caí perto do centro do porão. Parecia estar remexido e solto naquele lugar. Depois que eu comecei a subir as escadas, a Sra. Bell me perguntou porque eu tinha gritado, e eu expliquei; ela riu de mim por eu estar assustada, e disse que ali era o lugar onde os ratos tinham revolvido a terra.

Poucos dias depois, o Sr. Bell carregou, de noite, um monte de lixo para o porão, e ficou trabalhando lá por um bom tempo. A Sra. Bell me disse que ele estava tapando os buracos dos ratos.

Uns dias antes de eu ter ouvido esses ruídos pela primeira vez, e quando ainda não tinha acontecido nada dessas coisas, um mascate chegou lá, por volta das duas da tarde. A Sra. Bell disse-me que o Sr. John Bell falou que não iriam mais me contratar, e que eu podia ir para minha casa, mas se precisassem novamente de mim, iriam me chamar. A Sra. Bell ia viajar para pernoitar em Lock Berlim. Eu queria comprar algumas coisas do mascate, mas não tinha dinheiro comigo, então o mascate disse que passaria na minha casa para fazer a transação. Eu nunca o vi depois disso. Cerca de três dias depois, eles pediram para eu voltar e pernoitar com eles e ir para a escola. Concordei em retornar e fui para a escola por uma semana; aí ela me

pediu que eu ficasse fora da escola e fizesse os serviços domésticos, porque ela tinha que costurar dois casados para seu marido. Ela disse que os casacos eram muito grandes para ele, e que também estavam fora de moda, e ela ia consertá-los. Os casacos estavam rasgados em pedaços.

Eu acho que aquele mascate deveria ter uns 30 anos de idade. Eu o ouvi conversando com a Sra. Bell a respeito da família dele; ela perguntou e ele disse quantos filhos ele tinha. Não me recordo agora quantos ele disse que tinha, mas a Sra. Bell me disse que ele era um velho conhecido deles; que ela o tinha visto várias vezes antes. Pouco tempo depois, a Sra. Bell me deu um dedal, que ela disse que tinha comprado do mascate por cinquenta centavos.

Três meses depois eu fui visitá-la, e ela disse que o mascate tinha estado ali de novo, e ela me mostrou outro dedal, que disse que ela havia comprado dele.

Eu não sabia o que pensar sobre aqueles barulhos que ouvi. Poderiam ser ratos, como a Sra. Bell disse. Não pensei que fosse algo sobrenatural na época; o cão sentava-se sob a janela do quarto, por vezes até durante a noite inteira e ficava uivando; e isso me fez pensar que havia alguém por ali que queria roubar.

O Sr. e Sra. Bell pareciam ser muito boa gente, só que o temperamento deles era esquentado. Eu nunca tive nenhum problema com eles durante o tempo que trabalhei lá. O mascate carregava uma mala e um cesto, eu acho, contendo frascos de essência. Ele usava um casaco preto e calças de cor clara. Estou disposta a jurar sobre esta declaração, se for necessário.

11 abril de 1848. (Assinado) **Lucretia Pulver**.

Declaração da Sra. Anna Pulver

Eu conheci pessoalmente o Sr. e a Sra. Bell. Eu costumava visitá-los com frequência. Minha máquina de costura ficava na sala deles, e eu costumava ir lá para fazer o meu trabalho.

Certa manhã, quando eu fui lá, a Sra. Bell me disse que se sentia muito mal; que ela não tinha dormido quase nada na noite anterior.

Quando lhe perguntei qual era o problema, ela disse que não sabia porquê, mas ela estava inquieta; mas que ela pensou ter ouvido alguém caminhando de uma sala para outra e que então pediu ao Sr.Bell para se levantar e fechar as janelas.

Ela disse que se sentiu mais segura depois disso. Eu perguntei o que ela achava que era? e ela disse que deviam ser ratos.

Depois, eu a ouvi comentar que ela começou a ouvir outros ruídos, com causa desconhecida.

11 de abril de 1848. (Assinado) **Anna Pulver**.

Nós, abaixo assinados, certificamos que, durante o verão de 1844 morávamos perto da casa atualmente ocupada por John Fox; e que na época era ocupada por John Bell; e que durante aquele verão, a água do poço ficou horrível de beber.

Certificamos também que o dito poço fica a 10 metros de distância do meio do porão daquela casa.

Norman Ayres, John Irish. Arcadia, 18 de abril de 1848.

A declaração seguinte foi publicada e divulgada na comunidade, uma semana após as primeiras revelações terem sido feitas. Nós a republicamos para benefício do homem que infelizmente se tornou objeto de desconfiança. As pessoas devem ter cuidado de não julgarem uma pessoa apenas baseando-se em um ruído inexplicável. Somente quando não houver mais dúvida, então será o momento de condenar alguém. Vamos deixar que a opinião pública aguarde o resultado das averiguações que estão em andamento. Outros além dos nomes que seguem aqui arrolados, estão prontos para juntar-se à declaração que segue abaixo. Esta declaração vem assinada por muitos dos que ouviram as batidas respondendo às perguntas que são objeto das declarações precedentes:

A QUEM INTERESSAR POSSA

Nós, abaixo assinados, certificamos que conhecemos pessoalmente John C. Bell, da cidade de Lyon, Condado de Wayne, há cinco anos ou mais, que já o conhecíamos quando o dito John morava na cidade de Arcadia, cerca de dois anos atrás, e que sempre o consideramos um homem de caráter honesto e justo, incapaz de cometer tal crime; e que, durante a sua permanência em Arcadia, nunca soubemos de nada que desabone seu caráter, nem ouvimos alguém falar mal dele. Também não acreditamos que ele seja um homem capaz de prejudicar qualquer vizinho, ou qualquer outra pessoa, intencionalmente; e tendo ouvido relatos tolos e supersticiosos contra ele, nós com satisfação damos nossos nomes para certificar esta declaração:

Luther Sanford,
William Parker,
Andrew Traver,
Ruth Sanford,
Hiram Knapp,
Samuel B. Powers,
Charles Hudson,
William T. Hudson,
David Vanhoosen,
John M. Power,
David Jewell,
John R. Hyde,
H. Vanhoossen,
Norman Ayres,
H. Vanhoosen Junior,
Elizabeth Jewell,
John H. Bishop,
P.R. Houghton,
Isaac B. White,
Humphrey Sherman,
Nathan Drake,
William Drake,
Sra. A. W. Hyde,
srta. Mary B. Mighells,
srta. Martha Ayres,
E. Stebbins,
Andrew Vanderhoof,
Henry Miller,
D.J. Hughson,
Alfred Mayer,
James Whitney,
J.A. Burrows,
C.C. Hyde,
James Thompson,
Edwin Ayres,
Charlotte Ayres,
Artemas W. Hyde,
John Power,
Harvey C. Hyde,
William D. Storer,
George Galloway,
Caleb P. Tibbits,
James B. Tibbits,
J.M. Everts.

Arcadia, Condado de Wayne, Estado de Nova York, 5 de abril de 1848.

Aí está a natureza das ocorrências estarrecedoras que recentemente vieram à tona naquela vizinhança. Levando-se em consideração as revelações extraordinárias que têm sido feitas por este misterioso ruído, quem pode continuar duvidando da origem sobrenatural daquelas batidas?

Após a leitura dos muitos depoimentos, alguns "sábios em conceito próprio", irão dizer que "se eles pudessem visitar o local e ouvir os sons, eles logo descobririam a causa". Centenas de pessoas estiveram lá, imbuídos dessa mesma convicção; tendo primeiramente examinado cuidadosamente as instalações e tendo estado na presença espiritual, ainda permanecem incrédulos e dispostos a tratar do caso com leviandade; mantiveram conversa com o desconhecido, até que o suor frio lhes escorresse pelos poros e chegasse até seus membros poros, então viram-se obrigados a reconhecer que eles estavam na presença do mundo espiritual.

Mas àqueles que, de tão incrédulos poderão desacreditar até das declarações, lembramos que as leis que governam o mundo espiritual, não são aquelas que lhes ensinaram nos seus dias de escola juvenil concernentes ao mundo físico; e que as armas de ridicularização e descrença com que se levantarão contra estas declarações e contra a crença que elas produzirão nas mentes sinceras, são as mesmas utilizadas por Hume e Voltaire contra a origem divina dos milagres registrados no Novo Testamento. Seu raciocínio é tão ridículo quanto o do rei do Sião que mandou empalar o viajante siberiano apenas porque lhe disse que "as águas de seu país às vezes se tornavam tão duras devido ao frio, que os homens e os animais poderiam caminhar sobre elas". Eles não vão acreditar em qualquer coisa que não

pode ser testada pelos seus próprios sentidos; e mesmo assim eles preferem acreditar terem sido enganados por ação humana do que admitir que eles foram convencidos em sua descrença nas aparições sobrenaturais.

Muitos foram acusados de manter este caso misterioso, apenas para seu próprio divertimento, e muitos como nós já visitaram o local, na convicção de ser capaz de detectar a impostura. Mas nenhum deles retornou mais sábio do que era antes. O futuro provavelmente estabelecerá se esta ocorrência tratou-se ou não de uma visitação do mundo espiritual. Qualquer que seja o resultado, deixemos a partir de agora a causa nas mãos do público; como faria um membro dessa profissão, quando repousa seu caso nas mãos do júri, estamos dispostos a respeitar a decisão do público, reservando o privilégio de exceção se a sua decisão for contra nós.

50 dólares de recompensa!

O subscritor ora se compromete a pagar a quantia acima indicada a qualquer pessoa ou pessoas que conseguirem provar de alguma forma, que essa misteriosa aparição ou ruído é, e tem sido durante todo o tempo que foi ouvida, o trabalho de um ser humano qualquer. Eles devem informar de que forma isso teria sido realizado, e qual indivíduo fez isso; e com a sua promessa de guardar profundo segredo, se for solicitado. Qualquer pessoa que cumpra o acima exposto, receberá a dita recompensa de US$50.

Ebenezer E. Lewis, Editor. Canandaigua, 20 de abril de 1848.

APÊNDICE

Antecedentes de Hydesville

A fenomenologia ocorrida em Hydesville guarda semelhança com outras ocorrências tiptológicas anotadas no curso da história.

Os relatos de comunicação com espíritos batedores incluem distúrbios generalizados e, em algumas dessas manifestações, tentativas bem ou malsucedidas de conversação com o agente invisível.

1520 – Comunicações por ruídos na Reforma Protestante

Philipp Melanchthon, um dos líderes da Reforma Protestante iniciada por Martinho Lutero na Alemanha, relata ter ele mesmo visto luzes e aparições: "Posso afiançar que vi espíritos e conheço muitas pessoas confiáveis que afirmam que além de os terem visto, mantiveram conversações com eles." Acrescenta que após a morte de um morador de Oppenheim, ruídos e batidas passaram a ocorrer na casa que lhe pertencera, e tendo sido perguntado se era ele, que produzisse três batidas distintas; e isso se deu. Entre os anos 1521 e 1522, o reformador passou dez meses ano no castelo de Wartburg, pertencente à região de Eisenach, quando traduziu, em onze semanas, o Novo Testamento do idioma grego para o alemão. Aborrecido com as aparições de um espírito que o distraía do trabalho de

tradução, Lutero lançou contra ele o tinteiro, manchando a parede com a tinta – ainda hoje mostram-se aos visitantes uma mancha que é o vestígio da confrontação de Lutero contra o espírito batedor (VERE, 1873).

1528 – **Uma falecida freira responde por ruídos**

Alis de Tesieux foi uma jovem freira, secretária da Abadia Beneditina de São Pedro, na França, que, tendo furtado e vendido os ornamentos do altar, foi afastada da congregação religiosa.

Passando a viver vida dissoluta, adoeceu gravemente e, antes de morrer demonstrou arrependimento. Após sua morte, sons semelhantes a alguém batendo no chão do quarto com os nós dos dedos apareceram de modo frequente na presença da freira Antoinette Grolée, possibilitando que as outras freiras mantivessem comunicação com o espírito de Alis, por meio de ruídos convencionados. Designado para intervir, o Bispo de Lyon, acompanhado de Adrian de Montalembert – que escreveria em 1528 o livreto “A maravilhosa história do espírito da cidade de Lyon”, dedicado ao relato dessas ocorrências – , solicitou às freiras presentes a recitação de 33 salmos para expulsar o espírito batedor que estaria perturbando a freira morta.

Seguiu-se a ocorrência de um grande clarão no refeitório, entendido como a confirmação de que o espírito de Alis fora libertado do perseguidor espiritual e adentrava o reino celestial.

Nesta ocasião, por meio de ruídos o espírito de Alis passa a responder a várias questões sobre seu estado no mundo invisível, afirmando que as orações feitas em seu benefício lhe permitiram abreviar a passagem pelo purgatório (MICHAUD, 1811).

1661 – **O tamboreiro de Tedworth**

Saducismus Triumphatus, livro escrito no idioma de todos os homens cultos do século XVII – o latim –, descreve as perturbações provocadas por um espírito batedor de tambor na casa do magistrado John Mompesson, da cidade de Tedworth, na Inglaterra, nos idos de 1661.

William Drury, descrito como um mágico itinerante e baterista foi preso por gerar distúrbios ao bater seu tambor e pedir esmolas. Foi obrigado a deixar a cidade, e seu tambor, confiscado, foi parar na casa do magistrado, onde distúrbios estranhos passaram a ocorrer. Sons de bateção de tambor tocando dobrados de marchas militares em uso na época, ruídos no telhado, sapatos voando pelos ares, penicos esvaziados sobre as camas, tremor nas janelas, e outras perturbações atordoaram a família do magistrado. Mompesson descobriu que podia perguntar e obter respostas pelo som do tambor, quando este era solicitado a fazer três sons para responder afirmativamente. Certa vez, pediram-lhe que se o agente invisível era o baterista falecido, que produzisse cinco

sons, e isso foi feito e, dando a entender que o espírito estava satisfeito em identificar-se, os ruídos não incomodaram mais naquela noite. Durante um ano inteiro sucederam-se os distúrbios, com ruídos tão altos que toda a aldeia podia ouvi-los, até que, sem qualquer explicação, cessaram para sempre. Perturbações espirituais, mesmo aquelas de longo curso, precisaram aguardar o desenvolvimento da indústria do jornal, no século XIX, para que seus relatos repercutissem por todo o mundo anunciando um novo entendimento para as relações com o mundo invisível (BUCKLAND, 2005).

1716 – A Família Wesley

Uma das mais bem documentadas histórias de perturbações provocadas por espíritos ocorreu entre dezembro de 1716 e janeiro de 1717, na casa da família Wesley, em Epworth, Inglaterra, estando registrada em diários e na correspondência mantida por membros da família e descrita posteriormente na Revista Arminiana, editada por John Wesley a partir de 1735.

A partir de 1º de dezembro, os filhos de Samuel Wesley e os empregados da casa ouviram ruídos estranhos, gemidos e batidas nos quartos. Tratava-se de sons de garrafas se quebrando, sem que se encontrassem pedaços de vidro estilhaçados, passos fortes de alguém subindo e descendo as escadas que dava para o sótão, e até mesmo um som repetido como se alguém estivesse a marcar

passos de dança no chão. Nas noites seguintes, Samuel Wesley também ouviu os mesmos ruídos se repetirem, mas nada foi encontrado nos quartos, ou na sala de jantar e na cozinha. Samuel Wesley resolveu bater na porta da forma habitual como fazia para identificar-se perante a família quando chegava em casa: 1-23456-7. O desconhecido batedor repetiu em som mais forte as mesmas pancadas. Até o final do mês de janeiro do ano seguinte, Samuel Wesley tentou de várias formas comunicar-se com o autor invisível dos estrondos, sem o conseguir. Às vezes parecia ouvir um guincho baixo, e os ruídos logo recomeçavam. Vários conhecidos de Samuel Wesley e também clérigos aconselharam-no a abandonar a casa, mas ele repetia: “Não sairei! O diabo que fuja de mim, porque eu não fugirei dele” (CLARKE, 1823).

1834 – A Família Barron

Na casa da família de Joseph Barron, na cidade norte-americana de Woodbridge, estado de Nova Jersey, insistentes batidas na porta durante a noite indicavam que uma pessoa queria entrar, mas as buscas realizadas não encontraram ninguém do lado de fora. Como continuassem as batidas, a pequenos intervalos, o Sr. Joseph chamou os vizinhos para lhe auxiliarem a entender o que estava acontecendo.

Os vizinhos permaneceram ouvindo os ruídos na presença da família Barron até o dia amanhecer e então as batidas cessaram. Mas de noite, tudo voltou.

O relato dá conta de que havia conexão com os ruídos estranhos e a presença de uma criada da casa, uma jovem de 14 anos de idade que ao subir a escada interna da casa,

percebeu um tremor na janela sucedido por um tipo de explosão que quebrou o vidro e a jovem foi tomada de um espasmo.

Um médico compareceu e testemunhou a ocorrência de ruídos tão fortes quanto a batida de um machado sobre o piso de madeira e que podiam ser ouvidos a 100 metros da casa.

Aventou-se a possibilidade de tais fenômenos sonoros pertencerem à classe da iniciante ciência da eletricidade, o que obviamente não foi confirmado.

Os ruídos persistiram por todas as noites durante uma semana, mas a ausência de tentativas de entrarem em comunicação com o autor das perturbações impediu uma divulgação mais ampla, como será notório em Hydesville alguns anos mais tarde. (BARRON; CAPRON, 1850).

1835 – A Família Molesworth

A ocorrência de ruídos perturbadores foi descrita por várias testemunhas levadas a um tribunal da Inglaterra, em 1835.

O capitão Molesworth tinha uma filha, Jane, de doze anos de idade, que era organicamente frágil e confinada à cama grande parte do tempo.

Nessa casa foram ouvidos sons misteriosos que causaram muitos problemas aos moradores da casa e aos vizinhos.

Devido à má fama que a residência passou a ter, o proprietário iniciou uma reclamatória, e acusou a filha do capitão Molesworth de ser a causadora dos distúrbios, pois os ruídos eram ouvidos com mais frequência na presença dela. Às vezes, se fosse feita uma pergunta que pudesse ser respondida numericamente, como, "quantas

pessoas estão na sala?" as respostas corretas eram dadas pelo número necessário de sons.

Policiais, pedreiros, juízes de paz, e oficiais da Armada – amigos do capitão Molesworth, ajudaram-no a procurar a causa dos ruídos abrindo o chão, quebrando as paredes e queimando os lambris, mas estas buscas não conseguiram determinar a origem dos fortes ruídos.

O proprietário ajuizou ação de indenização pelos prejuízos, tendo o caso ficado dois anos sem solução. Enquanto isso, a jovem filha e o capitão Molesworth deixaram a casa, e aqueles que a ocuparam não foram importunados por sons misteriosos (CROWE, 1848).

Comentário à Introdução do autor

Ebenezer E. Lewis menciona o termo 'sobrenatural' para referir-se à origem dos fenômenos de Hydesville, o que carrega consigo a ideia de algo que ocorre fora das leis naturais. Muitos dos entrevistados também o utilizam. Bastante comum entre os primeiros estudiosos e seus contraditores, o emprego deste termo será contestado por Eliab Wilkinson Capron, historiador pioneiro do movimento espiritualista, que considera serem os fatos novos pertencentes à lei da natureza:

> Sou totalmente contrário à defesa da tese de algo sobrenatural como fundamento das ocorrências dos ruídos misteriosos e das mesas girantes. Coloco uma elevada estimativa no funcionamento perfeito das leis da natureza, mantido em movimento pelo "Grande Espírito" que permeia, abrange e governa todas as coisas. Contrariamente à noção de sobrenaturalismo, atribuo aos fatos incomuns que

tiveram rápida propagação, a prova de um inflluxo direto de influências espirituais no mundo, evidenciando um elo na grande corrente da lei da natureza. Desconhece-se o motivo pelo qual tal desenvolvimento somente agora está se iniciando. Convém observar que todas as grandes descobertas da ciência aguardaram o lento desenvolvimento do intelecto, aos poucos preparado para a recepção gradual das ponderosas mudanças que ocorreram desde os primeiros estágios do desenvolvimento humano até o presente.

O fato de os homens não poderem, senão em estado incomum, ver a substância mais refinada a que dá-se o nome de espírito, levou os homens de mentes filosóficas a rejeitaram as teorias oferecidas em favor da existência de algo posterior à decadência do corpo visível. Mas os desenvolvimentos a que temos assistido nos últimos anos na clarividência e na psicologia convenceram muitos dos céticos a respeito da existência de espíritos de pessoas que vivem além do nosso estado de existência (CAPRON, 1855).

A nova casa da família Fox

John Fox estava construindo uma casa para a família no terreno da fazenda do filho David Fox. Com o inverno chegando e a casa ainda não concluída, o Sr. Fox alugou uma casa para a família na aldeia de Hydesville, ao lado da ferraria onde o Sr. Fox exercia seu ofício. A mudança seria temporária até que ele concluísse a construção da nova casa (POND, 1947).

O fundador da aldeia de Hydesville

Cinco dos declarantes entrevistados por Ebenezer Lewis referem-se à presença de Artemas Hyde entre os visitantes da casa da família Fox. Artemas Wade Hyde, filho de Henry Hyde, era o dono da casa alugada pelos Fox (OWEN, 1860). Ele nasceu em Hydesville, em 15 de setembro de 1816, recebeu educação regular nas escolas próximas e tornou-se um bem-sucedido fazendeiro, casando com Armeda Miles (COWLES, 1895).

O nome de Henry Hyde aparece em uma lista de vinte e dois médicos e cirurgiões cadastrados na Sociedade Médica do Condado de Wayne, reunidos em 2 de junho de 1823 em recinto da Igreja Presbiteriana de Lyons com o propósito de organizarem uma sociedade médica na cidade (COWLES, 1895). Nascido em Vermont em 29 de junho de 1774, mudou-se para a cidade de Lyons em 1810. Estabelecendo e operando uma serraria junto a uma densa floresta, extraiu dali a madeira e construiu o loteamento de casas da vila que leva o seu nome: Hydesville.

A quinta pessoa na casa dos Fox

Em seu depoimento, a Sra. Fox afirma que em "algumas noites estávamos em quatro pessoas; outras vezes, em cinco". Em livro autobiográfico, a filha mais velha do casal Fox informa que, além de seus pais e suas duas irmãs mais novas, sua filha encontrava-se residindo em Hydesville por ocasião do início das manifestações espirituais. É provável que Lizzie estivesse residindo com a família de seu tio David Fox e visitasse aos avós com frequência.

O livro *Elo Perdido do Espiritualismo Moderno*, autobiografia da primogênita dos Fox, narra a viagem de

Ann Leah Fox e duas amigas, desde a cidade de Rochester até Hydesville, a fim de inteirar-se sobre as ocorrências dos ruídos misteriosos:

> Permaneci em Hydesville com as senhoras que me acompanhavam, por cerca de duas semanas, quando resolvemos levar Katie e Lizzie (minha filha) conosco e voltar para minha casa em Rochester, pois minha mãe entendia que Katie era mais perseguida pelos ruídos; e esperávamos que, ao separar as duas jovens (Maggie e Katie), conseguiríamos acabar com as perturbações espirituais (UNDERHILL, 1885).

A formação de um comitê de investigação

O modelo norte-americano de resolver situações comunitárias surgiu na criação das colônias britânicas do Novo Mundo e permaneceu enraizado cultural e politicamente após a independência norte-americana, com constantes formações de grupos de homens que tomavam decisões e estabeleciam regras para solucionar problemas de todo tipo. Não foi diferente na comunidade rural de Hydesville, com o casal Fox acatando a presença de um comitê de vizinhos que investigou a hipótese da provocação dos fenômenos de ruídos por mão humana (AGUIAR, 2021?).

A divulgação nos jornais

E.E.Lewis concluiu suas entrevistas em 18 de abril e teria conseguido, em tempo bastante curto, imprimir, dobrar e encadernar e iniciar a venda de sua obra. O noticioso *The New York Evening Post*, na data de 27 de abril de 1848, cita

o livreto de Hydesvillle. O título da matéria jornalística faz menção ao rio que cruza a região rural:

> *O fantasma do rio Ganargwa*.
>
> As tramoias fantasmagórias que vêm surpreendendo o bom povo de Hydesville, no condado de Wayne e localidades vizinhas, são ainda o espetáculo do momento. Tudo indica que os ruídos misteriosos aterrorizavam os ocupantes da casa há bastante tempo. (...) De acordo com o livreto no qual colhemos estes detalhes, a questão toda ainda permanece um mistério completo (THE EVENING POST, 1848).

O jornal *Detroit Press*, da cidade de Detroit, datado de 5 de maio de 1848, informa como os leitores podem obter comunicações de espíritos batedores.

> *O Fantasma do Ganargwa*
>
> A agitação em torno dos ruídos misteriosos ocorridos em uma casa em Hydesville, Condado de Wayne, ainda continua, e as revelações que surgem diariamente têm surpreendido a multidão. Um livreto foi publicado, contendo um grande número de depoimentos assinados por pessoas residentes naquela localidade, as quais ouviram as misteriosas batidas e propuseram ao fantasma uma variedade de perguntas, todas respondidas por meio de ruídos. O inquilino da casa se chama John D. Fox, que morou anteriormente em Rochester, e ele e sua esposa também deram depoimentos a respeito dos ruídos misteriosos.
>
> O casal afirma que ouviu esses barulhos pela primeira vez por volta do dia 30 de março, à noite,

logo após a família ter se retirado para dormir, e que não cessaram até hoje. O fantasma não apenas responde a todas as perguntas feitas a ele, mas prontamente dá a idade de cada criança da família e de outras na vizinhança, mas o mais curioso em tudo isso é a história do próprio espírito. A história de sua tragédia é resumidamente esta:

Afirma que o corpo que outrora habitou era o de um mascate; que tinha 31 anos de idade e foi assassinado há cerca de quatro anos pelo então inquilino da casa, tendo sua garganta cortada com uma faca de açougueiro; que deixou uma família de cinco filhos, dois filhos e três filhas, que agora vivem no condado de Orleans; que sua esposa morreu há dois anos; que a quantia de dinheiro roubada foi de 500 dólares, além de um baú e um pacote de mercadorias; que a esposa do homem que cometeu o assassinato estava fora naquela noite, assim como uma jovem que trabalhava lá, chamada Lucretia Pulver; que foi assassinado na noite de terça-feira, às 12 horas; que a primeira letra de seu nome de batismo era C, e a de seu sobrenome era B, mas se recusou a fornecer o nome completo, (um fantasma muito reservado!).

A maneira pela qual essas perguntas são feitas e respondidas é a seguinte: quando se deseja, por exemplo, saber a primeira letra do nome do espírito, o questionador soletra o alfabeto, e quando a letra certa é falada, ouve-se um ruído. Assim também para saber o nome do condado em que seus filhos agora residem. Mencionando-se os nomes dos condados,

> quando aquele que o espírito deseja designar é falado, o espírito produz uma batida. Todas as perguntas dirigidas a ele foram respondidas desta forma. Muitos afirmam que havia mais de trezentas pessoas junto à casa naquele momento, e que todas ouviram distintamente os ruídos. Cerca de quinze ou vinte dessas pessoas atestam o fato com um testemunho assinado. (FOX, 2021)

O jornal *Western Literary Messenger* publica a mesma reportagem em 6 de maio de 1848 (WESTERN, 2021). Também o jornal *Geneva Daily Gazette* reproduz a mesma matéria em 7 de maio de 1848 (O FANTASMA, 1848).

A família Fox era metodista

Historiadores da primeira fase do Espiritualismo norte-americano informam, em 1850:

> A família do Sr. Fox era bem conhecida na localidade onde residiam. John Fox e Margareth Fox pertenciam à Igreja Metodista Episcopal, da qual eram há muitos anos membros exemplares, e mantinham um caráter irrepreensível de veracidade. Ninguém que os conhecia tinha a menor suspeita sobre sua honestidade e lealdade. (BARRON; CAPRON, 1850)

A Igreja Metodista nasceu em 1784, na Inglaterra, tornando-se um dos ramos protestantes do cristianismo. Coincidentemente, a família de John Wesley, criador do movimento metodista, conviveu, por dois meses com perturbações provocadas por espíritos (CLARKE, 1823).

O nome do mascate é revelado

O escritor Robert Dale Owen conversou com David Fox, em Hydesville, e anuncia:

> (...) o nome completo de Charles B. Rosma foi obtido por David Fox utilizando o mesmo método empregado originalmente por William Duesler (OWEN, 1860).

Leah Fox utiliza o método do alfabeto

O método do alfabeto, criado nos primeiros dias das manifestações em Hydesville foi aplicado pela filha mais velha dos Fox na cidade de Rochester, conforme o relato de um dos historiadores pioneiros:

> A confusão no lar de Leah tornou-se tão grande que as aulas de música conduzidas por ela tiveram que ser interrompidas, tornando-se impraticável realizar com regularidade as tarefas diárias da residência. No horário das refeições os espíritos tornavam-se ainda mais invasivos. Nessa fase de acentuada turbulência, várias famílias vizinhas tomaram conhecimento dos estranhos fatos que aconteciam na casa de Leah. Transtornada com os contínuos aborrecimentos, Leah visitou Isaac Post, um velho amigo da família, a ver se ele conseguiria auxiliar a resolver o mistério. Até então, a única forma de Leah questionar os espíritos era obter três batidas para uma afirmativa e nenhuma para uma resposta negativa. Durante a visita do Sr. Post à residência de Leah, as batidas foram produzidas com sons muito fortes, como se os espíritos estivessem ansiosos para comunicar alguma coisa. Depois de

Leah mencionar que seu irmão obtivera em Hydesville o nome do caixeiro viajante empregando a soletração do alfabeto, o Sr. Post perguntou se ela já havia tentado esse método. Leah respondeu que nunca tinha pensado nisso, e perguntou aos espíritos se gostariam que ela ditasse o alfabeto? Imediatamente ocorreu uma chuva de ruídos pesados que encerravam-se com ruídos agradáveis; eles pareciam realmente demonstrar alegria com a sugestão, como se estivessem a dizer: "Sim, sim, é isso que queremos, – soletrem-no!" Então Leah recitou muito lentamente o alfabeto e obteve a seguinte comunicação: “Somos seus queridos amigos e parentes. Jacob Smith”. Este era o nome do avô materno de Leah. A família inteira ficou surpresa com essa mensagem. Foi uma descoberta nova e importante, feita de modo inesperado. Conforme acreditavam, receberam um verdadeiro despacho telegráfico de seus amigos falecidos. A pequena mensagem foi copiada e distribuída entre amigos e vizinhos, e uma cópia enviada à família em Hydesville. (CAPRON, 1855)

A expansão do movimento espiritualista

O reconhecimento de que a presença de determinadas pessoas possibilitava a manifestação de ruídos espirituais e a formação crescente de grupos privados em torno desses fenômenos são noticiados por Frank Podmore, autor inglês que se dedicou a escrever sobre assuntos psíquicos:

Um redator do *New Haven Journal*, em outubro de 1850, refere-se a batidas e à ocorrência de outros

> fenômenos na residência de sete diferentes famílias em Bridgeport, quarenta famílias em Rochester, Auburn e Syracuse, e cerca de duzentas em Ohio, New Jersey e em lugares mais distantes, bem como em Hatford, Springfield, Charlestown etc. Um ano depois, um correspondente do *Spiritual World* estimou que havia cem médiuns na cidade de Nova York, e cinquenta ou sessenta círculos de experimentação foram relatados na cidade de Filadélfia (PODMORE, 1902).

O escritor William Howitt suplementa os registros numéricos:

> Em 1852, a cidade da Filadélfia contava com 300 círculos espiritualistas, e em 1853, o número de médiuns chegava a 30.000 em todos os Estados Unidos (HOWITT, 1863).

O esqueleto do mascate é encontrado

Em 1904, uma parede do porão da casa de Hydesville desmoronou, deixando à mostra um esqueleto. A edição de 23 de novembro de 1904 do Boston Journal recorda a declaração da Sra. Margaret Fox constante do livro de E.E.Lewis, e também faz referência às irmãs Fox, dentro do entendimento equivocado de que as jovens teriam sido protagonistas nas ocorrências de 1848. Também o jornal Sunflower, de dezembro de 1904 refere-se a esta notícia. Mencionado nas duas reportagens, William Hyde é o filho mais novo de Artemas W. Hyde nascido em 26 de julho de 1863 (COWLES, 1895).

Notícia do Boston Journal, 23 de novembro de 1904

> O esqueleto do homem que supostamente causou as primeiras sessões das irmãs Fox em 1848 foi encontrado em uma parede da casa ocupada pelas irmãs e tirando qualquer sombra de dúvida que pairasse a respeito de sua sinceridade na descoberta da comunicação espiritual.
>
> A descoberta foi feita por crianças que brincavam no porão da casa em Hydesville, conhecida como "Casa do Fantasma", onde as irmãs Fox ouviram os maravilhosos relatos. William H. Hyde, um cidadão respeitável de Clyde, proprietário da casa, fez uma investigação e encontrou um esqueleto humano quase completo entre a terra e as paredes do porão em ruínas, sem dúvida tratando-se do caixeiro viajante que foi reivindicado como tendo sido assassinado no quarto leste da casa, e cujo corpo estava escondido no porão.
>
> O Sr. William Hyde informou aos parentes das Irmãs Fox e a notificação da descoberta será enviada à Ordem Nacional dos Espiritualistas, muitos dos quais afirmaram já terem feito uma peregrinação à "Casa do Fantasma", como é habitualmente designada. A descoberta dos ossos praticamente corrobora a declaração jurada feita por Margaret Fox em 11 de março de 1848" (TODD, 1905).

O jornal Sunflower, de dezembro de 1904, noticia.:

> A seguinte informação foi enviada a este jornal, a qual, se confirmada, criará interesse

> adicional no Espiritualismo, embora, de forma alguma confirmando-o, pois este não se baseia exclusivamente nos fenômenos de Hydesville; pois desde então tivemos muitos fenômenos adicionais, como as variadas manifestações físicas de materialização, escrita e desenho em ardósia, pintura, levitação, passagem da matéria através da matéria, comunicações faladas em transe, clarividência, leitura psicométrica e vários outros modos de comunicação com o mundo espiritual. Nosso correspondente relata: William H. Hyde, que recentemente encontrou os ossos do braço e da perna de um ser humano na antiga casa dos Fox, fez outra busca no porão onde os ossos foram expostos pela primeira vez pelo desabamento da parede interna do porão. O Sr. Hyde descobriu todos os outros ossos importantes, exceto o crânio, o que corrobora a afirmação feita no relato histórico das primeiras batidas na obra intitulada 'O Elo Perdido do Espiritualismo' (TODD, 1905).

A ausência do crânio, descrita em 1904 pelo jornal Sunflower, pode ser explicada pelo relato de Leah Fox, dando conta de terem recuperado parte de um crânio durante as operações de escavação procedidas no porão da casa de madeira de Hydesville, no verão de 1848:

> Era final de julho de 1848. A velha casa em Hyesville não estava ocupada por ninguém, exceto pelo "homem assassinado". Muitos iam até a casa sozinhos ou em pequenos grupos; e muitas vezes as batidas eram ouvidas. Nós também visitamos a

velha casa, descemos ao porão e pedimos aos espíritos que respondessem às nossas perguntas e nos orientassem corretamente. Recebemos a orientação espiritual de que a escavação fosse retomada. Era a estação seca do ano e as águas do rio Ganargua estavam baixas. Vários ossos foram encontrados e os médicos consideraram ossos humanos, indicando a que partes do corpo eles pertenciam: um osso do tornozelo, dois ossos das mãos e algumas partes do crânio (UNDERHILL, 1885).

O escritor Arthur Conan Doyle, adepto do Espiritualismo, escreve em 1926, demonstrando sua estranheza pelo fato do Espírito não ter mencionado a mudança de local de seu corpo:

> (...) é curioso que o mascate morto não soubesse que o seu corpo tinha sido removido do meio do porão para a parede, onde então foi encontrado" (DOYLE, 1926).

Se Conan Doyle tivesse se dedicado a uma leitura atenta das obras fundamentais do Espiritismo, veria que Kardec evidencia o estado de perturbação que sobrevém por ocasião da morte "para aquele cuja consciência não está pura":

> A perturbação que se segue à morte é muito variável em sua duração, ela pode ser de apenas algumas horas, como de vários dias, de vários meses e mesmo de vários anos. Ela é menos longa para

> aqueles que, em vida, se identificaram com o seu estado futuro, porque eles compreendem imediatamente a sua situação, no entanto é mais longa para o homem que viveu mais materialmente (KARDEC, 1859).

A desencarnação violenta pode estabelecer a repetição da vivência de determinados fatos, restringindo a percepção global da realidade: "A ideia fixa pode operar a indefinida estagnação da vida mental no tempo" (ANDRÉ LUIZ, 1955).

Transferência da casa para Lily Dale

Em 1916, a estrutura original da casa habitada pela família Fox foi transferida da vila de Hydesville para a cidade de Lily Dale. Mary E. Cadwallader, escrevendo em 1917, relata:

> A cabana ocupada pela família Fox, pertencente à aldeia de Hydesville, no estado de Nova York, foi adquirida por B. F. Bartlett, da cidade de Cambridge, estado de Massachusetts e transferida para a cidade de Lily Dale, NY, durante o mês de abril de 1916, com o objetivo de preservação, tornando-a um memorial do Espiritualismo e das Irmãs Fox. A casa está mobiliada com móveis antigos cuja idade varia entre setenta e cinco e trezentos anos, e inclui o baú de estanho que o mascate carregava no momento de seu assassinato, encontrando-se também ali uma barra de ferro

trabalhada por John Fox em 1846 (CADWALLADER, 1917).

Mary Cadwallader apresenta uma foto da casa após sua transferência para Lily Dale:

Um incêndio com causas desconhecidas a destruiu em 1955. Construída uma réplica, esta também incendiou-se em 1983. A Associação Nacional das Igrejas Espiritualistas então comprou o terreno e edificou um museu dedicado ao movimento espiritualista.

FONTES BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Lilian Maria Martins de. *Antecedentes históricos da Independência dos Estados Unidos*. In: Mundo Educação. [Goiâna, 2021?]. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/historia-america/antecedentes-historicos-ndependencia-dos-estados-unidos.htm> Acesso em: 26 nov. 2021

ANDRÉ LUIZ (Espírito). *Nos domínios da mediunidade* (1955). Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro: FEB, 2011, 34ª ed.

BARRON, H. D.; CAPRON, E. W. *Ruídos misteriosos em Nova York*, 2 ed. Nova York: Fowlers & Wells, 1850

BUCKLAND, Raymond. *O livro espiritual: Enciclopédia de clarividência, canalização e comunicação espiritual*. Detroit: Visible Ink Press, 2005

CADWALLADER, Mary E. *O pensador progressista.* Chicago: Publishing House, 1917

CAPRON, E.W. *Espiritualismo Moderno*, Boston: Bella Marsh, 1855

CLARKE, Adam. *Memórias da Família Wesley*, Londres: J. & T. Clarke, 1823

COWLES, G. W. *Marcos históricos do Condado de Wayne*. Clyde, Nova York: Mason & Company, 1895

CROWE, Catherine. *O lado sombrio da natureza*. London: T.C. Newby, 1848

DOYLE, Arthur Conan. *A História do Espiritualismo*, 1926. Tradução de Louis Neilmoris. São Paulo: Portal Luz Espírita, 2019

FOX, Margalit. *Os homens de confiança*. Nova York: Random house Publishing Group, 2021

HOWITT, William. *A História do Sobrenatural*, vol 2. Londres: Longman & Green, 1863

KARDEC, Allan. *O que é o Espiritismo* (1859). tradução de Maria Lucia Alcântara de Carvalho. Rio de Janeiro: CELD, 1ª edição, 2008

MICHAUD, Joseph Fr.; MICHAUD, Louis Gabriel, *Biografia universal, antiga e moderna*, volume 29. Paris: Michaud Frères, 1811

O FANTASMA de Ganargwa. Geneva Daily Gazette, 07 mai. 1848, p. 1. Disponível em: https://nyshistoricnewspapers.org/lccn/sn83031108/1848-05-07/ed-1/seq-1/#date1=04%2F04%2F1848&index=1&date2=05%2F31%2F1848&searchType=advanced&SearchType=prox5&sequence=0&words=Hydesville&proxdistance=5&to_year=1848&rows=20&ortext=&from_year=1848&proxtext=hydesville&phrasetext=&andtext=&dateFilterType=range&page=1. Acesso em 22 set. 2021

OWEN, Robert Dale. *Pegadas na fronteira de outro mundo*. Philadelphia: J. B. Lippincott & Co., 1860

PODMORE, Frank. *Espiritualismo Moderno – história e crítica*, Londres: Methuen & Co. 1902

POND, Mariam Bucker. *A história da desafortunada Família Fox*. Nova York: Centennial Press, 1947

THE EVENING POST, 27 abr. 1848, p.2, O Fantasma de Ganargwa. Disponível em: https://nyshistoricnewspapers.org/lccn/sn83030384/1848-04-27/ed-1/seq-2/

UNDERHILL, Ann Leah Fox. *O Elo Perdido do Espiritualismo*. Nova York: Thomas R. Knox & Co., 1885

VERE, Maximilian Schele de. *Mágica Moderna*. Nova York: G. P. Putnam, 1873

TODD, Thomas Olman. *Hydesville – A história dos ruídos de Rochester que proclamaram o Advento do Espiritualismo Moderno*. Sunderland: The Keystone Press, 1905

WESTERN Literary Messenger, 06 mai. 1848, p. 213. *O Fantasma de Ganargwa*. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=-IpMAAAAMAAJ&pg=PP9&lpg=PP9&dq=the+ghost+of+the+ganargwa&source=bl&ots=gq_dU35DGA&sig=ACfU3U3G2Jv9meWBDGSRt7qkL2iOxfDqQ&hl=pt-PT&sa=X&redir_esc=y#v=onepage&q=hydesville&f=false. Acesso em 25 nov. 2021

IMAGENS

Capa. SPICER, William Ambrose. *Our day in the light of prophecy and providence*. Oshawa: Canadian Watchman Press, 1921, p. 273

p. 3, Folha de rosto da edição original do ano de 1848. LEWIS, Ebenezer. E. *Mysterious Noises heard in the house of Mr. John D. Fox, in Hydesville*. Canandaigua: Power Press of Shepard & Reed, 1848

p. 11, A casa dos Fox em Hydesville. LEWIS, Ebenezer. E. *Mysterious Noises heard in the house of Mr. John D. Fox, in Hydesville*. Canandaigua: Power Press of Shepard & Reed, 1848

p. 12, Margaret Fox. UNDERHILL, Ann Leah Fox. *O Elo Perdido do Espiritualismo*. Nova York: Thomas R. Knox & Co., 1885, antecapa

p. 18, John D. Fox, UNDERHILL, Ann Leah Fox. *O Elo Perdido do Espiritualismo*. Nova York: Thomas R. Knox & Co., 1885, p.8

p.63, Cranach the Younger Portrait of Phillip Melanchthon, http://commons.wikimedia.org/

p. 64, Martin Luther, http://commons.wikimedia.org/

p. 65, O tamboreiro de Tedworth, www.flickr.com

p. 66, The Revd. John Wesley. A. M. Fouder of the Methodist Society, http://www.loc.gov/

p.81, Portrait of Sir Arthur Conan Doyle, http://commons.wikimedia.org/

p. 83, The Fox Cottage of Hydesville, CADWALLADER, Mary E. *O pensador progressista.* Chicago: Publishing House, 1917, p.36